

ALPALHÃO - ALTO ALENTEJO



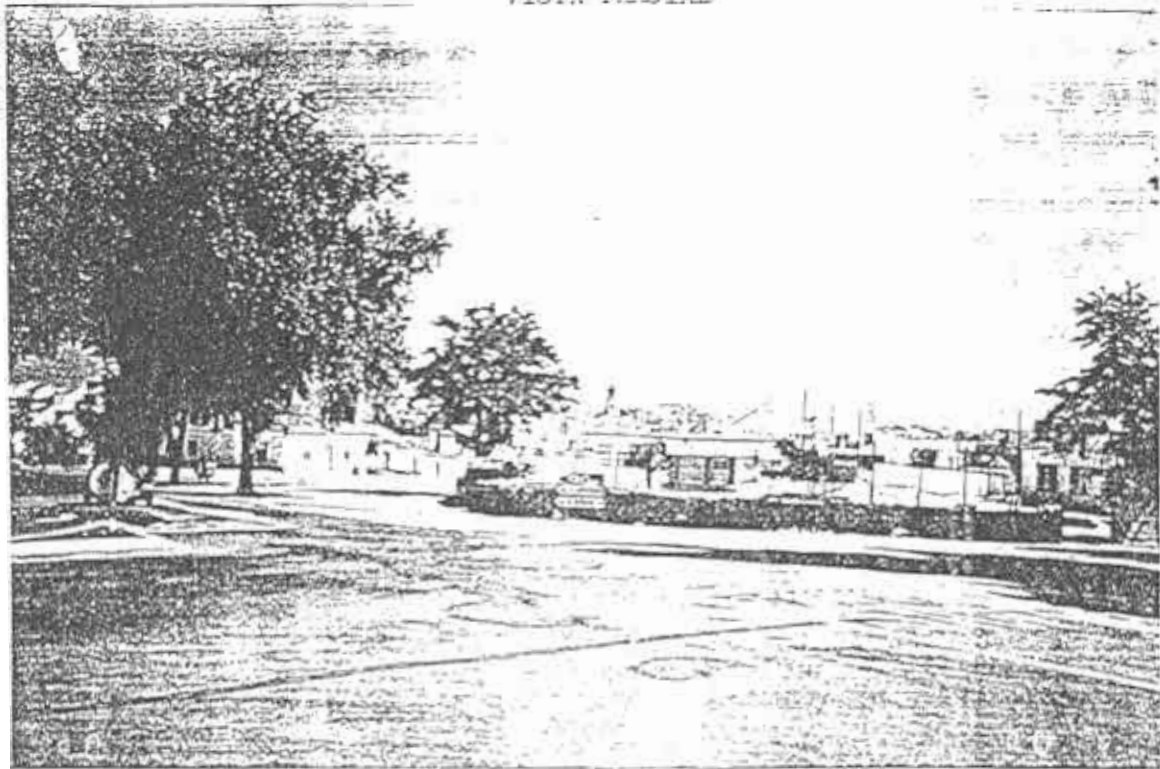
HISTÓRIA EM POEMAS



JOAQUIM CARRILHO CAPELÃO

CGTA
NOCLEO *Fundacional*
REGISTO *462*
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

VISTA PARCIAL



Povoação e freguesia do concelho de Nisa, distrito de Portalegre. De povoamento muito recuado, como atestam os restos de CASTRO e edificações DOLMÉNICAS, ainda patentes. Entrou na posse da de CRISTO, que a repovoou. Antiga vila e sede concelho, teve foral concedido por D. Manuel em 13 de Outubro de 1512.

É grande centro de produção de azeite, cereais, cortiça, criação de gados, ovino, bovino, caprino e suíno, é extraída também muita pedra da região. A estimativa em 1960 era de 907 fôgos e 2718 habitantes, embora muito evoluída, posteriormente não costuma ter sido feita nova estimativa. A luz foi inaugurada em 1936, quando era presidente da junta de freguesia o Sr. António Temudo Sequeira. Os esgotos começaram a ser feitos em 1972, completando-se cerca de 10 anos depois. Vista Alegre e populosa, a 11 quilómetros de Nisa, a actividade dos habitantes dedica-se sobretudo, a agricultura, fabrico de calçado, etc. Turisticamente nada oferece de particular, a não ser os restos das muralhas mandadas edificar por D. Dinis, a igreja paroquial e as capelas do Calvário, S. Pedro e a igreja do Espírito Santo e ainda a de Nossa Senhora da Redonda. Tem um vasto Rossio onde se realizam importantes feiras.

ALPALHÃO - ALTO ALENTEJO

Alpalhão veste de Branco
O que a torna encantada
Parecendo envolta num manto
Feito da espiga aloirada

I

Por D.Dinis foi destacada
Entempos que já lá vão
Não retando quase nada
douse Castelo de então

II

Mantém ainda a tradição
Da grande Sália - Rodada
Do regional capotão
E do chapéu de aba larga

III

Das touradas a vara larga
Onde o povo ri e goza
Aoyer a roupa rasgada
Do agarrador que o boi sova.

Nossa Senhora da Graça é a órago
Da sua gente hospitaleira
Que a Nossa Senhora da Redonda adora
Igualmente como a primeira

IV

Numa constante canseira
Angariando o Divino Pão
A sua gente tão hordeira
É bem digna da menção

V

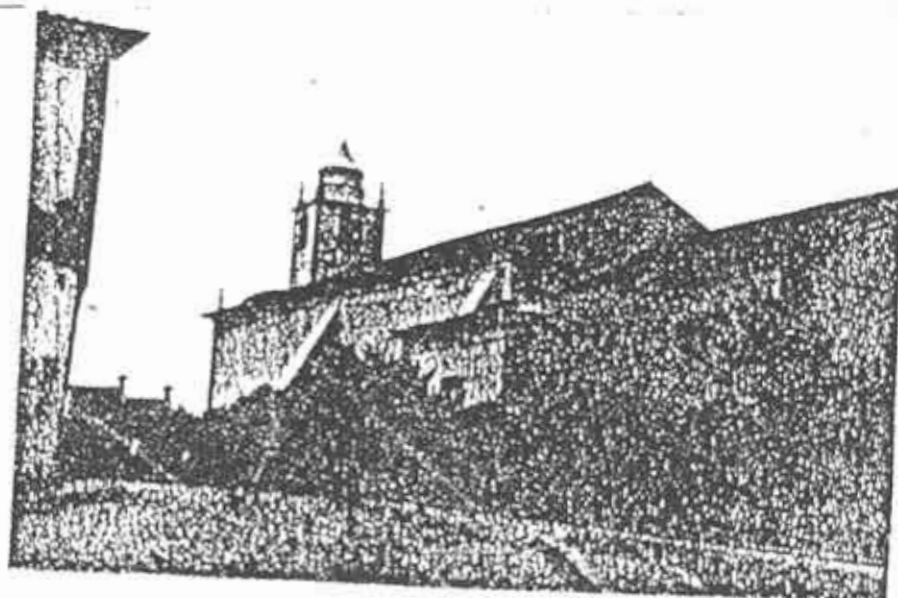
Nos seus cruzeiros lá estão
Dadas dum feito imortal
Lembrando que os de Alpalhão
Honraram e sempre honrarão Portugal...

F I M .

1986

..

"Vista, parcial"



Está edificada quase ao centro da povoação. É seu órago, Nossa Senhora da Graça. O templo, construído no Século XVII, e modificado no seguinte, serve de igreja paroquial, tem a fachada com cunhais de cantaria aparelhada e uma porta co frontão interrompido, sobre a qual, entre dois pináculos se abre um janelão, junto a cimalha superior, tem também dois pináculos. Sobre-se para a igreja por uma escadaria de cinco degraus de granito da região, que dá acesso a um pequeno adro e à residência paroquial. À esquerda, e quase a meio do edificio, ergue-se a torre, que é quadrada, com quatro olhais de volta redonda e eirado com quatro coruchéus e cupula recortada piramidal. O interior é duma só nave com tectos de esteira. Tem quatro altares e capela - mór; esta tem o altar de talha do tipo do Século XVIII, Os altares colaterais de madeira e alvenaria, são à esquerda, da inovação do Coração de Jesus, e à direita da Senhora da Luz. O arco do cruzeiro é de cantaria aparelhada com baldaquinos de talha dourada. Os altares laterais são dedicados : O do lado do Evangelho á Senhora do Rosário e o do lado da Epístola ao Senhor dos Passos. O coro está assente sobre tres Arcos de volta perfeita, sendo o do centro maior. Tem dois Púlpitos de alvenaria, o baptistério com pia baptismal em granito trabalhado aos gomos, está colocado á esquerda. Do seu recheio só se notam: Turíbulo e naveta de prata em forma de boia e de caravela, são do Século XVII, e têm os punções: P e M.R. A naveta mede 0,25 de altura. No corpo da igreja estãoq várias sepulturas com epitáfios, na sua maioria ilegíveis pelo gasto; algumas deslocadas dos seus lugares primitivos. São de granito da região, escuro e crepo, e outras de marmore. Uma está datada de 1659, outra pertenceu ao Dr. Francisco Mourato Roma, Cavaleiro de Cristo. Tem um adro lageado, e anexa, a residência paroquial, está construída recentemente. A conservação é regular.

P O E M A

A. NOSSA IGREJA PAROQUIAL

Está no Largo do Adro implantada
A nossa grande Igreja Paroquial
Que no Século XVI foi edificada
Senhora da Graça é seu órago divinal

II

Tem uma torre quadrada piramidal
Fachada em cantaria da região aparelhada
O seu interior numa nave esteiral
E grande altar de talha doirada

III

Está muito bem conservada
E é para os filhos da povoação
A sua obra a mais sagrada

Á qual muito devotadamente vão

IV

Os seus 4 altares colaterais lá estão
A direita o de Na. Sa. da Luz
A esquerda o Coração de Jesus, inovação
Lado Evangelho, Na. Sa. do Rosário nos seduz

V

Lado da epístola, Sr. dos Passos sob a Cruz
Perpétuando o seu tão cruel destino
Em sepulturas internas jazem alguns
Agraciados pelo seu Culto- Divino

VI

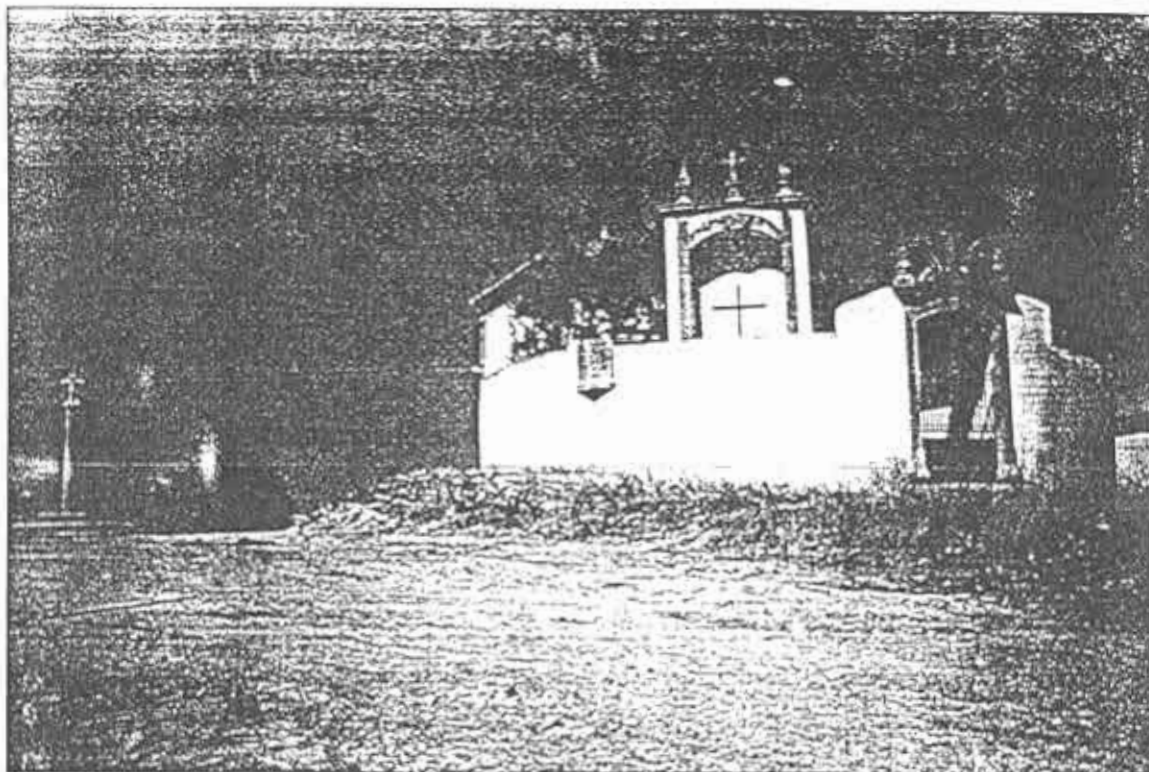
O seu interior é fértil em talha doirada
Duma perfeição mui. sobrenatural
Feito por uma mão-abençoada
De um habil filho, do nosso Portugal.

F I M .

(No dia de todos os Santos de 1992.)

ALPALHÃO-ALTO ALENTEJO

CAPELA do CALVÁRIO



Está situada a entrada da antiga vila de Alpalhão, na estrada que vai para Gáfete, no cruzamento com a estrada de Nisa. É um pequeno edifício dos Século XVI, em forma de quadrilátero com cunhais de cantaria aparelhada, e porta de granito. Precede o templo, um adro de fórmula redonda, murado, cujo acesso se faz por uma simples porta com ombreiras de granito da região.

Numa das paredes está um (PASSO) em forma de altar com porta de granito lavrado, sobrepósta por uma Cruz entre dois pináculos, e ao lado, encastrado na parede, púlpito circular feito de blocos de granito. O interior é muito simples em forma de rotunda, com um pequeno altar.

(P O E M A)

N o calvário, jaz a sua imagem repousante
O stentando a pesada cruz do destino
S imbolo dum sacrificio repugnante
S elvejaría de seres sem culto Divino
O homem actual, mata ferósmente

S anto Deus; aviva ao dito a sua mente
E vita que neste (XX) século de Cristo
N ão respeite ainda o seu semelhante
H aja inumeros seres com um fim tão triste
C ro a Deus piedosamente
R epele dos vivos o ódio que existe

D eus salve os viventes do Mundo
O nsequia-os com paz, inibe-os da miséria
S alvando o ser humano, disto tudo

P ão a prova a tua força omnipotente
A benção toda a humanidade

S enhor-Santo e benevolente

S emeia o bem, elimina a ferocidade

O Planeta Terra seja Santificado

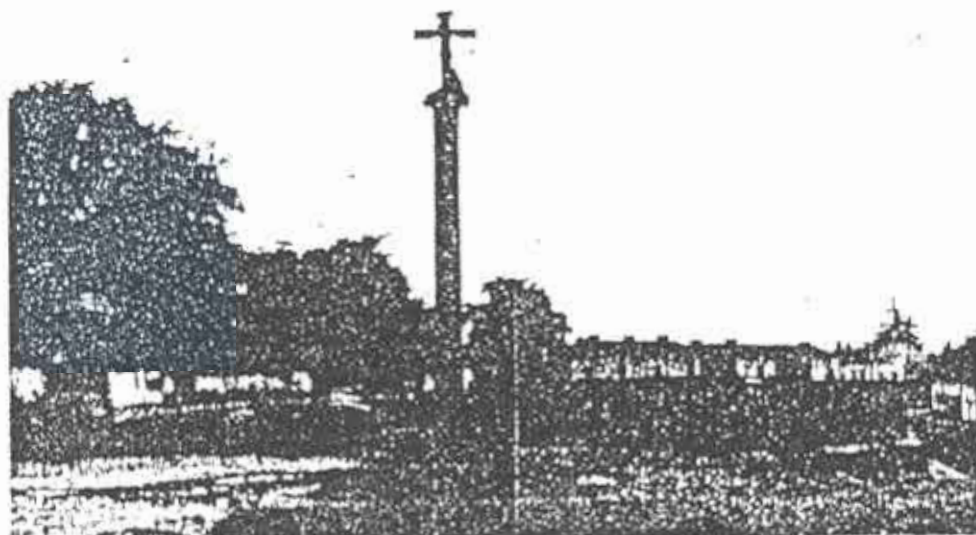
S enhor dos Passos, seja louvado.

†
†††
†
F I M.

1/2/986

ALPALHÃO.

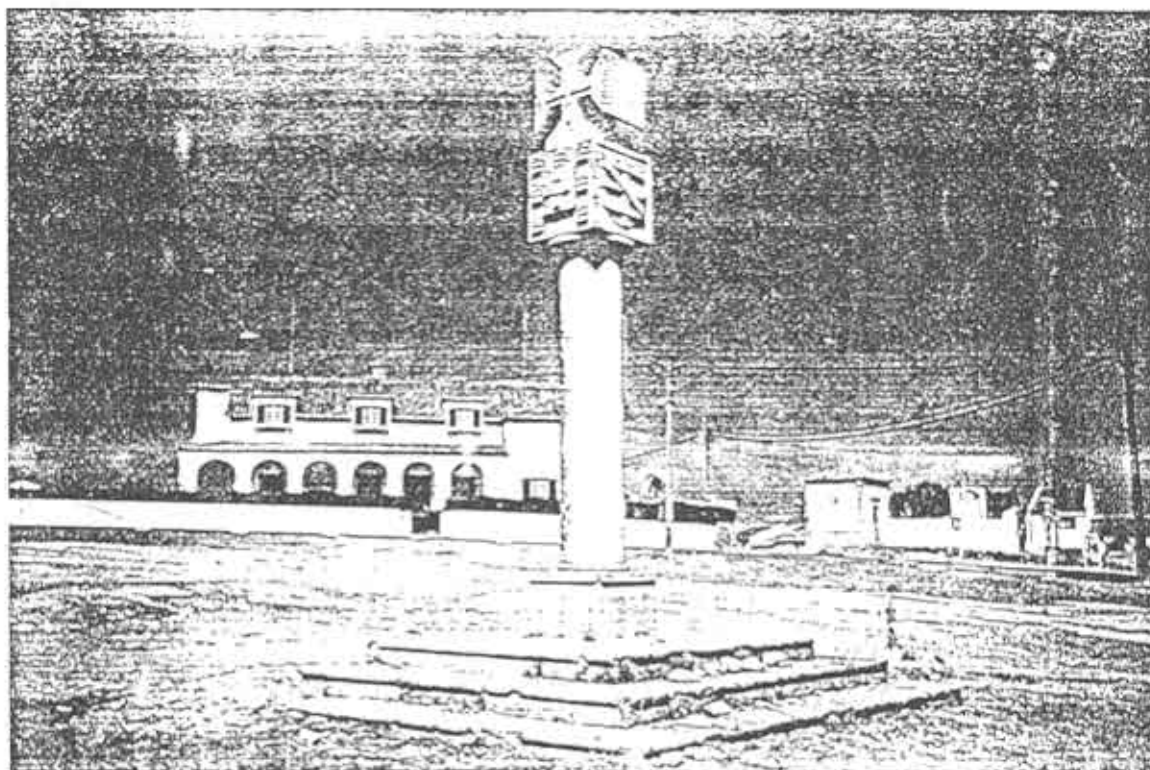
ALTO-ALENTEJO.



CRUZEIRO.

Próximo do Calvário, existe este cruzeiro construído por uma coluna sextavada assente sobre três degraus. Sobrepuja-a uma cruz chanfrada com a imagem de CRISTO, na face anterior e uma Pieta na face oposta. Deve ser obra anterior à Capela do Calvário e do meado do Século XVI. Está regularmente conservado.

ALTO-ALENTEJO.



CRUZEIRO

Está situado no Largo da Devesa de Cima (actual Largo Dr. José Manuel da Costa), foi inaugurado em 8 de Setembro de 1940, comemorando simultaneamente a Independência de Portugal e a Restauração da Independência.

Está construído em pedra de granito da região. A sua coluna é cilíndrica.

Tem no capitel as cinco quinas, encimadas pela Cruz-Latina. Tem gravada a seguinte legenda: Comemoração do centenário 1140 a 1640.

Está assente sobre tres degraus de pedra da região e bem conservado.

ALPALHÃO
ALTO-ALENTEJO.



RUINAS DO CASTELO.
(TORRE DO RELÓGIO)

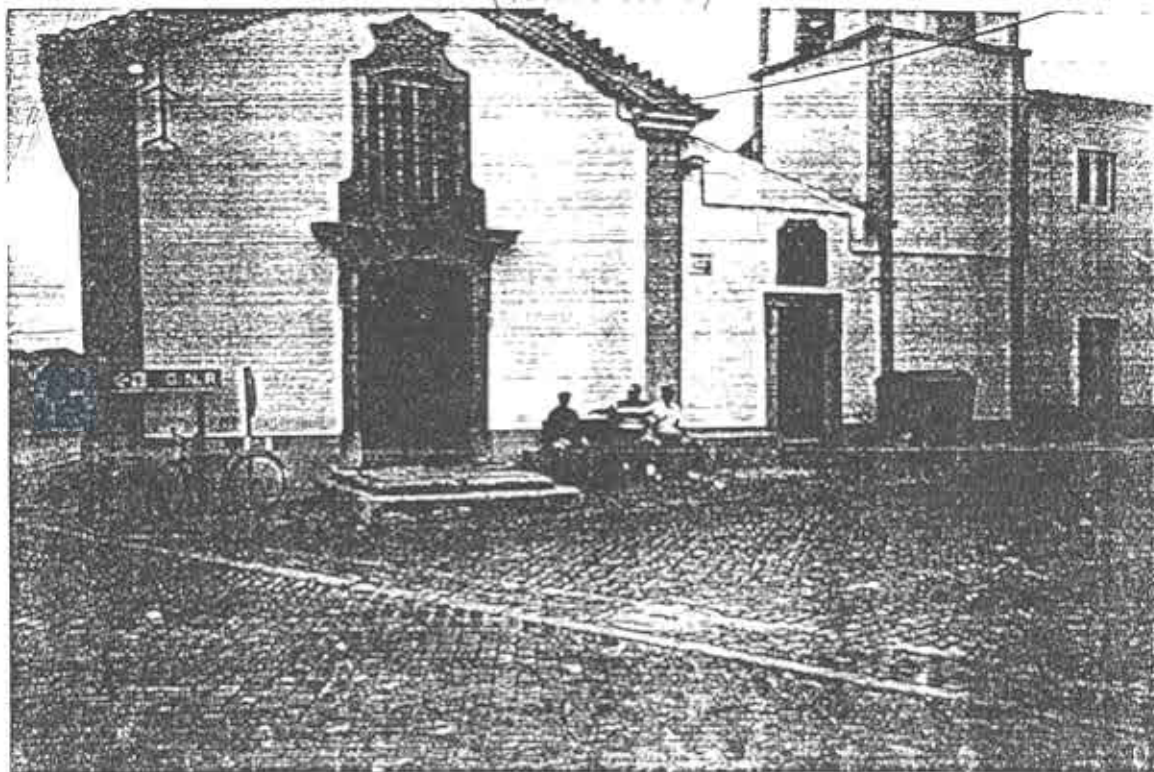
A sua situação é no centro da freguesia.

É um edifício banal, do começo do Século XVIII, construído sobre as ruínas da antiga muralha do castelo, mandado levantar pelo Rei D. Diniz, cerca do ano 1300.

É de forma quadrangular, tendo um pequeno eirado com espaldares e coruchéus.

Tem quatro olhais com arcos de volta redonda e cúpula cónica esquinada. Sabe-se para a entrada, por uma pequena escadaria assente sobre os restos da antiga torre do castelo.

a conservação é medíocre.

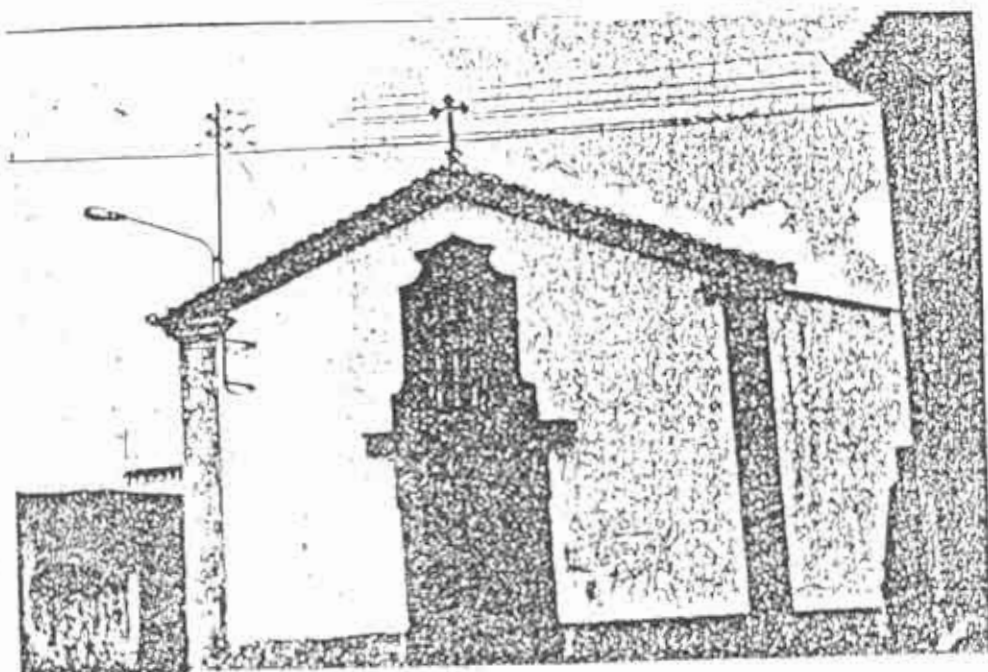


Está situada numa das extremidades da povoação. O exterior da igreja é simples e de edificação do Século XVIII. Porta de granito sobreposta por um janelão. À direita ergue-se a torre do tipo dos tempos da região, com quatro olhais e cúpula recortada. O interior do templo é de uma só nave. A capela-mor de ^{va} per dos fins do Século XIV, com tecto de nervuras assentes sobre misulas e tendo feixe um boceto com cruz de cristo esculpida posteriormente. O arco do cruzeiro de forma ogival, é chanfrado e com colunelos duplos. Tem coro assente sobre tres arcos de volta muito abatida. O altar-mór é de talha dos fins do Século XVII; com as (insignias) imagens de dois Santos Bispos aos lados. Os altares colaterais também com obra de talha dos fins do Século XVII, são da inovação de Santana e S. João. O lavabo da sacristia de granito, tem a data de 1759, merecem referência a) Um rétabulo sobre o arco do cruzeiro pintado sobre madeira, dos fins do Século XVI, muito repintado, representando a Ceia.

b) Uma imagem do Espírito Santo, de pedra policromada, dos fins do Século XV, medindo 0,50 de altura. A sepultura bra brasonada existente na capela-mór, tem a seguinte inscrição: Sra. Dona Maria Delicada. Faleceu na era XVI, em o mes... tem cada semana cinco missas e dia Santa Trindade, missa cantada e vésperas etc. O estado de conservação é regular.

ALPALHÃO.

ALTO-ALENTEJO.



CAPELA DE SÃO PEDRO.

Está situada no interior da povoação.
É um pequeno edifício do Século XVI, com fachada larga e baixa, cimalha recortando um óculo, porta com ombreiras e verga de granito, e um edículo à direita, que serve de ((.PASSO)). O frontão do mesmo estilo, é ladeado por corochéus já posteriores, e tem uma cruz no remate. O interior é lizo simples, o arco de cruzeiro de nota plena com ressaltos em losângulos e em ponta de diamante. Tem no fecho duas chaves cruzadas. O retábulo do altar-mór é dos fins do Século XVI, com pinturas muito detioradas.
A conservação é medíocre.

CAPELA DE:

NÓSSA SENHORA DA REDONDA.



Fica num sítio isolado a 2 Kilómetros da povoação. É um edifício do Século XVI, do tipo das capelas rurais do Alentejo. A fachada é singela, com algumas alterações do Século XVIII, e com uma gálgia cujo acesso se faz por amplo portão com arco de granito de volta redonda. O interior é simples, de uma só nave, com portas chanfradas e o tecto é de nervuras simples com cinco boetos, sendo o principal floreado e maior. As nervuras assentam sobre mísulas. O tecto é todo pintado em policromia variada, com festões, ramagens e ornamentos. Em redor do nervurado principal, corre uma tira com decorações monocromadas sobre fundo amarelo em dolo tons. Estas decorações são acentuadamente de assuntos profanos, leões, grifos, albardas, etc. Por cima desta tira corre outra com as palavras iniciais AVÉ-MARIA, e é datada de 1564. As paredes da capela-mor são revestidas com um silhar de azulejo azul e branco do meado do Século XVIII, representando em painéis, o encontro com SANTA ISABEL, a Adoração dos Pastores e Apresentações no Templo e a "circunscricção" circuncisão, todos com a legenda em latim. O estado de conservação é regular.

Bibl. Frei Agostinho da Santa Maria, Santuário Mariano - Tomo VI, pag. 30

J.C.C.

N. S.^a da Redonda — Alpalhão

Na sua velha capelinha
Olhando a ribeira do Sor
Só tu, ó linda santinha
Seduzes teus crentes com amor
Alegrando-os com o teu esplendor

Saúdam-te com fervor
E constantemente te suplicam
Na vida, sorte, carinho e amor
Homens e mulheres com desdita
Oh! imagem santa bendita
Reduz-nos a nossa dor
Avental para longe o pavor

Dessa guerra que nos cripta
Arrasando o mundo com temor

Redonda, santa, beatífica
Esses espaços infinitos
Devolvendo a quem os habita
O saudoso sossego de outrora
Não os deixels morrer famintos
Denegando-lhes mais a vida
Aos teus crentes, benfeitora

A fé é palavra benta
Leva os aeres à devoção
Pedindo-Te Virgem Santa
A ti vão em peregrinação
Levando bem alto o teu andor
Haja nos lares, Paz e divino pão
Ajoelhados Te o suplicam
Orando: os filhos de Alpalhão...



Um teu filho
Joaquim Carrilho Capelão

1986

H I N O
A

NOSSA SENHORA DA REDONDA

ALPALHÃO

I

Nós não temos outra luz
Nem temos outra alegria
Melhor que a Virgem Maria
Terna mãe do bom Jesus

II

CORO

Ó Nossa Senhora da redonda
Mãe de clemência e perão,
Sempre em tudo abençoai
Vosso povo de Alpalhão

III

Junto a Ribeira do Sôr,
Nos brilha nossa esperança
A Virgem Mãe do Senhor
É quem tudo nos alcança

IV

Quem nos guarda em nossa fé
E noite e dia nos ronda,
É a flor da Nazarét,
A Senhora da Redonda

V

Ela é quem nos empara,
Por quem gritamos na dor;
Ela nos dá a seara,
Porque é mãe do Criador

VI

Quer em terra ou sobre o mar
Destes filhos de Alpalhão
Vós nunca deixais de estar
Dentro do seu coração

VII

Ninguém vos tem ais amor
Ninguém vos quer mais, Senhora
Por isso, seja onde for
Sois a nossa guiadora

VIII

Por vosso divino Filho
Amparai-nos, na desgraça
Guiai-nos em nosso trilho,
Sede sempre a nossa graça

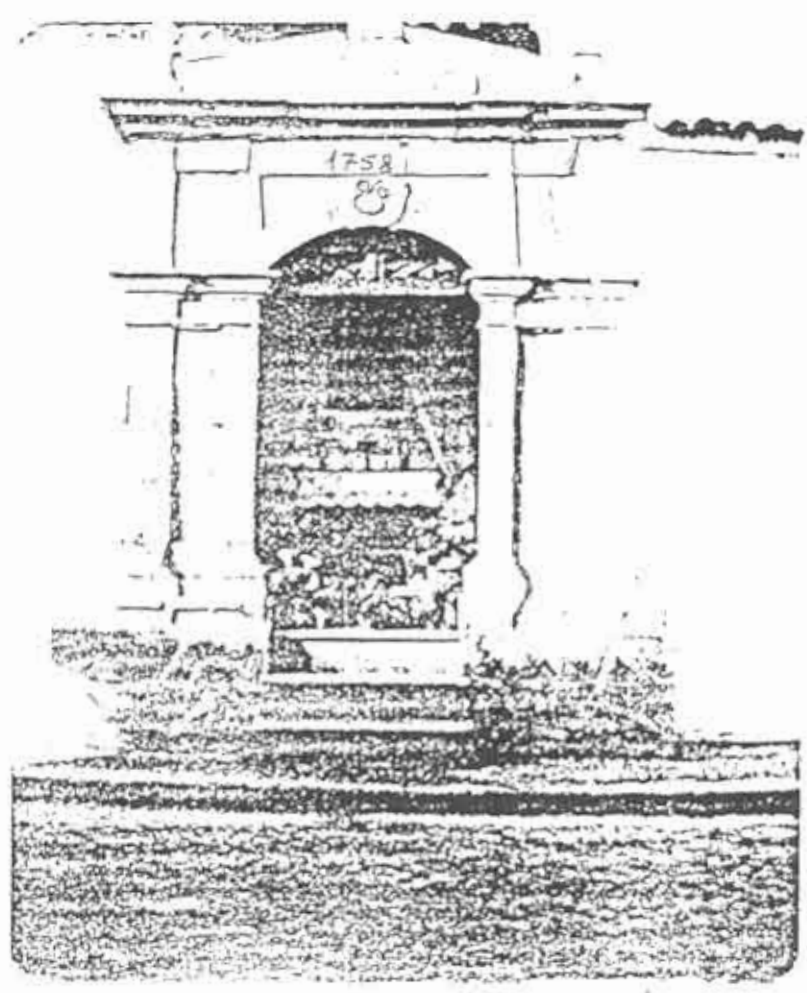
IX

Oh, concedei que a nossa alma
No Vosso Manto se esconda
E assim, vivamos em calma,
Ó Nossa Senhora da Redonda!

9/1/1906

C. Francisco Sequeira

1758
1758



É muito pequena, tem um pequeno altar feito de pedra da região e uma cruz. O seu estado de conservação é medíocre, estando a ser restaurada nesta data de 1984. Muitas mulheres a visitam, quando os seus animais (fêmeas) e até elas próprias se encontram prenhes e perto do parto, orando à Senhora; para que o dito ocorra em bem. Quando se realiza a procissão do N.º. Sr.ª. dos Paços, esta é a primeira a ser visitada, como o primeiro Faço. Sendo na altura muito ornamentada pelo seu Povo, com muitas flores e passadeiras.

ALP ALEÃO.

ALTO-ALENTEJO.



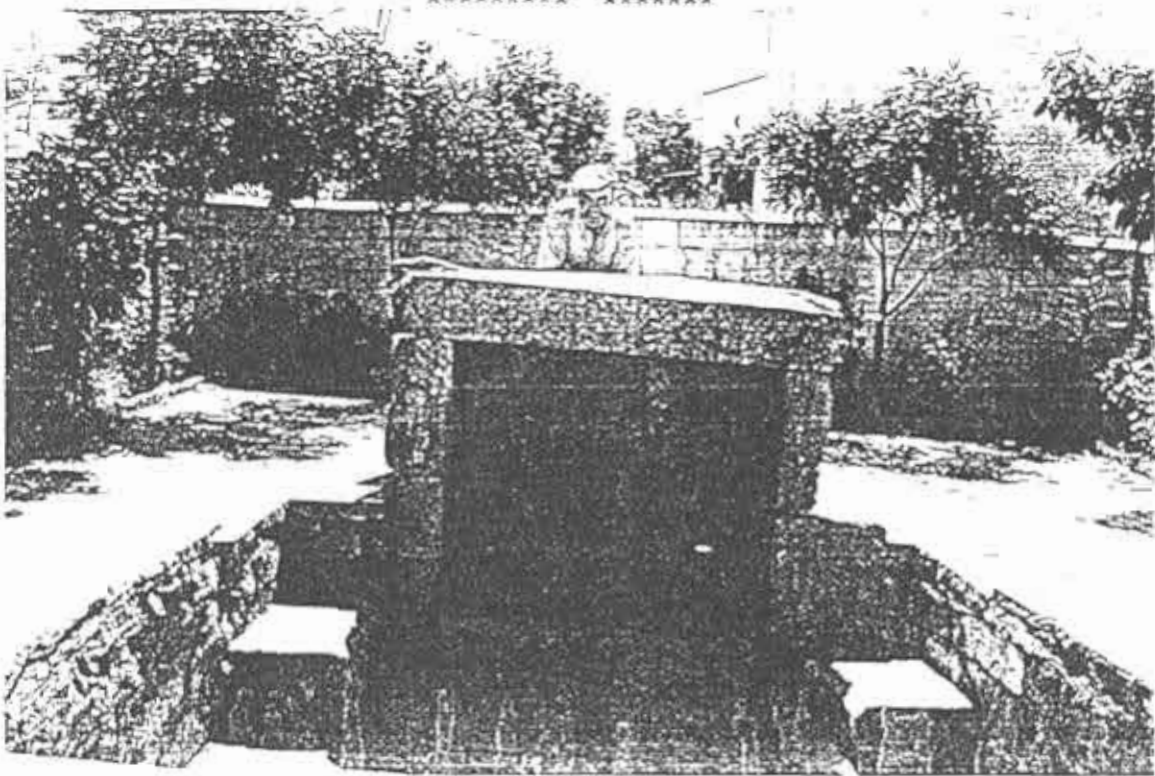
CAPELA DO MARTIR SANTO
SÃO SEBASTIÃO

Está situada a 4 Kilómetro da povoação, na estrada que vai para Castelo de Vide. É um pequeno edifício do Século XVII, com porta e postigos de granito e a Capela-mor em fórmula de cúpula, forma esta que se encontra muito na região; tem uma porta lateral com as ombreiras e a vêrga chanfradas. O interior é muito simples, tem o arco de cruzeiro e o púlpito de granito aparelhado.

É regular o seu estado de conservação.

J.C.C.

FONTE NOVA



I

Foi-nos deixada pelos antepassados
Óbra feita com lageados da região
Tendo ainda utilidade para a população
Embora as nascentes estejam fracassados

II

Rua Nova com o seu nome perpetuada
Obras recentes favoreceram a população
Vendo-se nela muita casa nova edificada
Abrigando, muitos filhos de Alpalhão .

F I M .

1992

(Está em boa conservação)

Quando os seres vivos vêm ao Mundo
Aparecem plenamente despídos
Uns sobre berços de veludo
Outros sobre berços empobrecidos

II

Pais não fiquem entrestecidos
Por vossas posses serem mesquinhas
Pois ~~de~~ basta ~~de~~ Jesus ter nascido
Numa cama sobre palhinhas

III

O destino vem traçado em linhas
Sobre a nossa palma da mão
A uns designa lindas sinas
E a outros tão tristes são

IV

Até parece Deus ter o seu enão
Por não eliminar do Mundo o mal
Acabando entre os homens a maldição
Provando o seu Santo - Poder sobrenatural

V

A força do ser que diz ser humano
Revela-se sem dó nem piedade
Provocando o mais horrível dano
Ceifando vidas inocentes com ferocidade

VI

Basta de tanta crueldade
No mundo do crente e do ateu
Que surjam homens de boa vontade
Para que haja paz na terra, como no Céu...

(São os puros desejos do autor)

F I M .
1992



A N T I G A

C A M A R A - M U N I C I P A L

Alpalhão remonta aos primeiros anos da nossa história. Prova-se que por aqui passava uma importante estrada romana que a ligava a Mérida. Além desta, há vestígios das muralhas edificadas no reinado de D. Dinis. Alpalhão foi sede de concelho até 3/9/1853, altura em que passou a fazer parte do de Nisa. Diz-nos um grande homem desta terra, Dr. Joaquim Dias Loução, que a extinção do concelho se deveu a uma vingança levada a cabo, por um homem importante e com influências políticas junto de Portalegre, que foi preso em virtude de se ter apresentado montado num cavalo na procissão dos Passos, no ano de 1833. Segundo o Dr. Loução, o citado tinha grandes influências em Portalegre, junto das entidades distritais, e quando foi preso, ou seja a 18/3/1853, a Junta Geral do Distrito de Portalegre decreta a extinção do concelho que assim é extinto em Setembro desse ano. Ao concelho de Alpalhão pertenciam as freguesias de Gáfete e Tolosa, a última das quais juntamente com Alpalhão foram anexas ao concelho de Nisa. A freguesia de Alpalhão foi, por Decreto de 26 de Setembro de 1895, separada do concelho de Nisa e anexada ao do Crato, mas voltou novamente ao de Nisa, por decreto de 18/1/1898.

O seu primeiro foral foi-lhe concedido por D. Afonso Henriques em 1370/1512, o Rei D. Manuel I concedeu-lhe novo foral. A ermida de N. Senhora da Redonda, onde se realiza anualmente a tradicional festa, em sua honra na segunda-feira de Páscoa, faz juntar praticamente todos os Alpalhoenses residentes ou espalhados pelo país, onde o vinho típico e os bons manjares das gentes de Alpalhão para abrilhantar este tradicional e saudável convívio, a Capela de S. Pedro, o Calvário, a Igreja da Misericórdia, a do Marti Santo e a Paroquial, são marcos que atestam a religiosidade desta tão laboriosa gente.

A L P A L H Ã O

A vila que me foi berço
Lus primitiva e celestial
Por tal já mais a esqueço
A mor que lhe tenho é imortal
Linda para mim é sem rival
Hoje te amo loucamente
À ti meu naco de Portugal
Oh; crê... sofro por estar ausente.

A os teus primitivos filhos, repousando
Laurea paz as suas almas
Tornando felizes os que mourejando
Obtêm longe de ti, suas mígalhas

A Nôssa senhora da Graça
Longe, este teu crente te suplica
Éssa velha vila, inibas da desgraça
Não a deixando cair em desdita
Tu ó adorada Santa Imaculada
És para o teus crentes o esplendor
Jus; seres por eles devotadamente adorada
O rando, sob o teu Sagrado Altar com fervor.

F I M .

(1986)

ALPALHÃO

ALTO - ALENTEJO

(O meu adeus)



VISTA PARCIAL

I
Quando um dia eu Morrer
Creiam que levo no coração
A Vila que me viu nascer
E que se chama Alpalhão

II
Alpalhão fica no concelho de Nisa
E no distrito de Portalegre
Se nela vier a repousar, seja em campa lisa
Sem campas de pedras marmores, modeste e leve

III
Será lembrado quem em vida provou,
Respeito e amor pelo seu semelhante
Mas será esquecido se muito errou
Por BEUS, e todos por ter sido errante

IV
Peço que não haja choro nem pranto
No acto do meu funeral
Se tudo se esvai com o tempo
Nascer e morrer é plenamente normal

V
Adorei o meu país, o heróico PORTUGAL
Pátria da mais alta e digna menção
O meu carinho por ele é imortal
Que sejas eternamente Bem-Aventurada Óh! Nação...

F I M .

1997

ÀS NÓSSAS EXTREMÓSSAS MÃES

-----I-----
Apenas com tres letrinhas
Se escreve a palavra mãe
São sem duvida as mais divinas
Que a nóssa gramática contém
Com tres letrinhas também
Se escreve a palavra pai
Que igual amor nos tem
E que já mais em vida se esvai

III

A palavra avó tres letras tem
Que também seus nêtos venera
Iguamente como o pai e a mãe
É lhes Sagrado o amor que encerra

IV

Que Deus abençoe este bem em terra
Extensivo as futuras gerações
Abençoando no ventre da mãe materna
As vindoiras meninas e varões

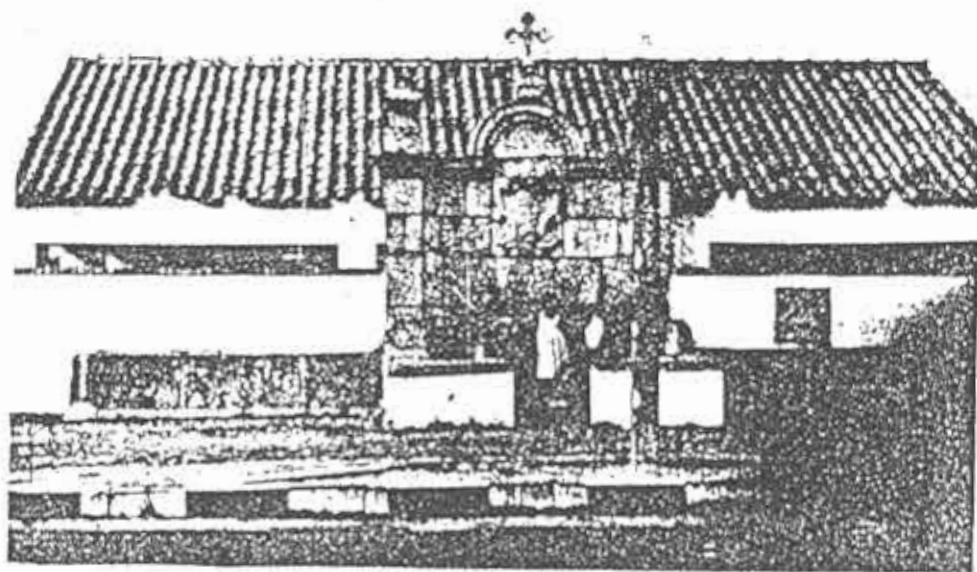
V

Assim diminuiriam as escravidões
Que no Mundo de hoje tanto proliferam
Sem quase haver diferença entre as nações
Os tristes e cruéis conflitos se geram.

F I M .

1995

ALPALHÃO
ALTO-ALENTEJO.



CHAFARIZ

Está situado na Estrada que liga a Fortalegre, pelos Fortios, e acerca de 200 metros da povoação.

O tanque recortado, é precedido de um pequeno recinto murado.

O espaldar, em blocos aparelhados de granito da região, tem dois corucheus e uma cruz.

Ao centro estão esculpidas as Armas Reais do Século XVIII.

Duas carrancas assimétricas jorram água. Ao lado existe, outro tanque em forma de quadrilátero, com duas bicas e um escudo das armas portuguesas dos meados do Século XVI, tem algumas mutilações.

Posteriormente foi mudada para o outro lado da estrada, para eliminar a curva que ali fazia.

Ficou atrás com lavadouro público, coberto.

ALPALHÃO

ALTO _ ALENTEJO

CHAFARIZ

I

Consta que já dois Séculos la vão
Da data em que foi inaugurada
Pela sua ja extinta população
A mai digna óbra que lbes foi legada

II

Muita sede foi e é hoje regalada
Pela boa água que dela jorra
Tão pura e cristalizada
Que é a que o seu povo mais devora

III

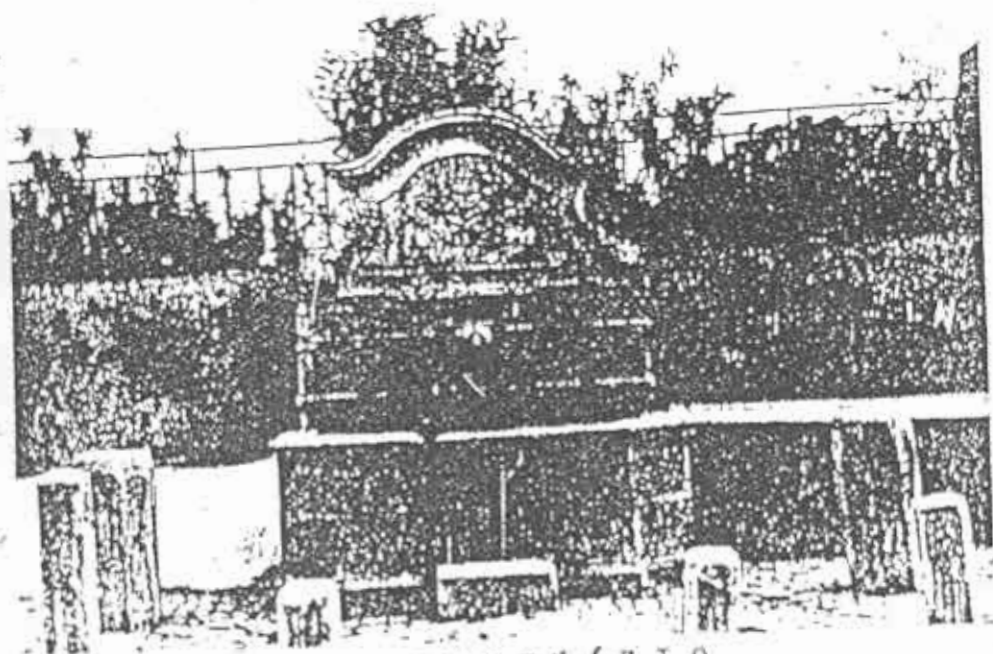
Na época do verão a população adora
Ir a Fonte Darca para com ela ~~se~~ frescar
Junto a ela se conversa e namóra
Se ela falasse muito teria que nos contar

IV

Ao nóso povo peço para a perpétuar
Este tão benevolissimo monumento
Para que a sede continui a matar
Aos presentes e vindoiros eternamente...

F I M .

1992



FONTENÁRIO
ÁGUA.

A população era apenas abastecida pela antiga fonte D. Arca. 58 em 1930, começou a ser distribuída pela vila através da Fonte da Escola Primária e dos pequenos marcos-fontenários, sítios: No Largo da Igreja Paroquial e na Rua do Borrallho, ao lado do antigo Largo Da CÂMARA MUNICIPAL, proveniente das nascentes do Vale do Rechicho, cedida pelo prezado conterrâneo Sr. José Ragoiro Sequeira.

Em 1932, pela nascente da Fonte Velha, cedido pelo Sr. Dr. José Manuel da Costa natural de Nisa, nome dado posteriormente em sua homenagem, a um dos largos da vila. Em 1960, o abastecimento foi reforçado pela nascente do Couto da Ladeira, passando a haver a distribuição da mesma ao domicílio.

Em 1983, voltou a ser reforçado o abastecimento, com proveniência da pequena barragem do Vale do Castelo-Cafete.

A L P A L H Ã O

ALTO - ALENTEJO

I

Quando a minha terra habitei
Só o rico se julgava nôbre
Até parecia trazer EL-REI
No seu tão nutrido odre

II

Duramente explorava o pôbre
Que mal ganhava para o sustento
Esquecendo que só enchia o odre
Por que o rural lhe cultivava o campo

III

Como o bém não dura sempre
Até ociclôre também não
A alguns ricos mingouou-lhe o ventre
E DEUS ao pôbre deu mais pão

IV

Lá diz o vêlho por tradição
Não ha bém que sempre dure
Não explores o teu irmão
Por que o teu fim poderá ser duro

F I M.

1945

A L P A L H Ã O

ALCUNHAS DOS ALPALHOENSES

I

Não dão mel suas Abelhas
Ajém de frutos, temos Abóboras
Já estão velhos os Márrelhas
Nada deitam os Botafóras

II

Não há doidos, mas há Areias
São já raros os Bastinhos
Também ha alguns Ideias
Sem guardar gado Pastorinhos

III

Há ainda nutridos Bés
E já são raros os Bêlos
Restam ainda P'alés
E Lourinhos e Vermelhos

IV

São muitos os Batateiros
Já são poucos os Batecértos
Quase que não há Lanceiros
Estão a extinguir-se os Ribértos

V

Temos ainda muitos Bentos
São poucos os Falasós
E já quase não há Sébentos
E bem assim Petingós

VI

Restam poucos Capeloas
Já são poucos os Ganhões
E também poucas as Paichoas
Quase extintos estão os Midões

VII

Têm aumentado os Bolótas
E vão diminuindo os Buchos
Consta que ainda vive o Nótas
E quase que não há Cachuchos

(Continua)

VIII

Estão a acabar os Carronhas
São poucos os Cartachanas
Já quase não restam Fronhas
E são poucos os Flanganas

IX

Também temos os Churras
Somos férteis em Chouriços
Já foram mais os Costuras
E quase já não há Chamiços

X

Ainda temos as Cachapins
Como ainda temos Cocos
Temos também os Quiquis
E também os Pão e Buchos

XI

Também temos os Caráças
Restam alguns Caldeirinhas
Não faltam ainda Cabáças
São bastantes os Vidinhas

XII

Há ainda alguns Cassácas
São poucos os Catatuns
E se são muitos os Mássas
Restam poucos Vinteuns

XIII

Ainda são muitos os Pardais
São bastantes os Piolhos
São poucos os Laranjais
E também os Tórtos e Zarolhos

XIV

Estão aumentando os Catitas
Rareando os Catarrões
E também os Rapamarmitas
E bem assim os Sanforriões

(Continua)

Estão a minguar os Delgados
São poucos os vivos Mórto
Há muitos Pepinos e Nãbos
Mas já houve mais Temóites

XVI

Há muitos Ratos e Ratinhos
E ainda alguns Raposos
Jásão menos os Sapinhos
E quase não há Babosos

XVII

Há a vista alguns perdidos
São mitos os Laburdanças
Temos ainda Pintassilgos
Mas quase já não há Santas

XVIII

Temos ainda alguns Tétas
E têm assim alguns Lanas
E também um Tatinétas

E ainda alguns Pestanas

XIX

Há os Foles e os Folinhas
Temos Galinhas e Gátos
Também temos os Joeirinhas
E ainda alguns Calhãos

XX

Sem mar temos Bacalhaus

E em terra temos Peixinhos

Temos os Malos e Picaus

E Tralhas e Martelinhos

XXI

Temos o Senhor Catroucha

E os populares Bacalhóças

Temos os Mouchos e Mouchas

Já se finaram os Mótas

(Continúa)

XXII

Sem convento temos Freiras
São pacíficos os Irádos
Já me esquecia dos Frades
E das nutridas Moncheiras

XXIII

Há ainda os Balaúses
E creio que Bichos Farós
E espanhois que são Lusos
Paisanos que são Majores

XXIV

Temos Lólos e Léles
Também temos os Mochilas
Temos ainda o Calhabrés
E temos Grilos e Grilas

XIV

Há Milhanos e Gaguinhas
Há Pintos e Bagaceiros
Há ainda Papairinhas
E Sapátas e Sapateiros

XXVI

Ainda há Cabeças-Negras
Picanços e Poupinhas
Rebentalages e Fêgas
Lascarins e Tropecinhas

XXVII

Temos Pousadas e Parrões
Bolhoas e Continências
Ainda temos os Pulões
Rilas; Carólas e Braganças

XXVIII

Temos também os Lafreiras
Os Baiões e as Balhanas
E ainda restam Carreiras
E os descendentes Chanas

(Continua)

XXIX

Sem aéroportos há Aviões
Não fazem sabão os Saboeiros
Sem dizer missa há Capelões
Sem fazer lanças, lanceiros

XXX

Estão diminuindo os Giéstas
O mesmo acontecendo aos Lucas
Estão a findar os Paidéstas
E já a muito perdemos o Trucas

XXXI

Já quase não temos Bichos
Estão-se a ir as Abaladas
Creio só haver um Cachicho
E já não haver Amaldiçoadas

XXXII

Também tivemos uma Macáca
Ainda nos resta um Négas
E está vivinho o Parrápas
Creio ainda restarem Têtas

XXXIII

Já se foram os Malacões
Creio ainda restarem Gouganços
E descendentes Cagões
E bem assim alguns Mancos

XXXIV

Já não temos nenhum Magano
Não sei se restam Sardentas
Está para durar o Cabano
Mas já se foram os Cantantas

XXXV

Está bem gordinho o Sopa
Mas já nos deixou o Praia
Há anos que partiu a Raivóta
Creio estar vivinho o Maláfala

(Continua)

XXXVI

Temos descendentes Paivêlhos
E também um Arremila -
Não sei se ainda há Goelhos
Mas sei que ainda há um Fazbulha

XXXVII

Creio estar vivo o Sête Patas

Já só temos um Galhicas

Sei haver muitas Cabaças

E só termos uma Pirolitas

XXXVIII

Creio só haver um Rebóla

E um seu vizinho Rambóia

Em tempos tivemos um Caçoila

E se não falho, uma Góia

XXXIX

Vou fechar com os Capinhas

Vou findar com as Babócas

Vou terminar com Batatinhas

Vou acabar com as Malfeitas

XXXIV

Já tivemos um Boca de Lobo

Estávivinho o Palhóta

Não sei se há ainda algum Boto

E se existe ainda o Póca

XXXVI

Temos também um Fandanguinho

E bem assim um Dalhadulha

Um Broa que foi Padeirinho

E um Patinhas de Cabra vivinho

XXXVII

Das alcunhas fiz a rima

De alguns filhos de Alpalhão

O autor foi o Papafina

Que aos citados ;lança o Perdão.

F I M.

Novembro 1986

Velhos Jornaleiros

Aos Velhos Jornaleiros
(ALPALHÃO)

Aos que a terra já consumiu
Não se me apaga da memória
Tanta miséria e fome os feriu
Implorando na velhice, esmola irrisória
Gozando o rico, uma vida fértil
Oh! que vida tão inglória

Já mais te ergueram monumento
Obra justa e tão digna:
Recordando, que ao rigor do tempo
Não comendo quase, e com fadiga
Ao protegido criavas o sustento
Levando tu e os teus, vida mingua
É triste, teres vivido miseravelmente
Imploro a DEUS que a tua alma adormecida
Repouse no Céu, eternamente...
O bem, que te faltou em vida

A tua terra berço, não foi a culpada
Lá jazem ao teu lado, os exploradores
Pois DEUS quiz, que fosse a tua enxada
A abrir-lhes a cova, sem clamores
Luz nôva, ilimine a exploração
Haja futuramente, mais Pão-Divino;
Aos restantes sobreviventes de então
Ólvido, uma velhice repleta de carinho.

O ex-companheiro

JUNHO-1987

Joaquim Carrilho Capelão

Alpalhão Nisa e Montalvão

I
Alpalhão é boa terra
Dá de comer a que passa
Se não levara dinheiro
Nem água beber de graça

II
Não passa duma chalça
Dos velhos tempos de então
Que foi cantada por graça
Por um rancho de Montalvão

III
Não há, nem houve razão
Tal versão não se confirma
Pois seu povo não é vilão
Quem o visita ele estima

IV
Tem no cântaro água fresquinha
Que não nega ao visitante
E na gaveta a coduzinha
Para o mendigo viandante

V
O que expresso não são prantos
Dos velhos ditões de então
Pois se há críticas a tantos
Por que não aos de Alpalhão?

VI
Montalvenses, do nosso concelho são
Também honestos, bons e ordeiros
As rivalidades de então
Eram nas sortes, entre solteiros

VII
Com garrôtas e Pandeiros
Chegou a haver luta rija
Rivalidade com alpalhoeiros
Entrando por vezes os de Nisa

VIII
Hoje toda a malta é unida
Foram extintas as levandades.
A mocidade é mais instruída
Os analfabetos estão sendo eliminados.

IX
Os filhos do concelho de Nisa
Convivem na boa união
A sua mui nobre divisa
É: trabalho, paz e Pão.

Abril de 1987.

Joaquim Carrilho Capelão

Poesia

Alpalhão

Casa benficiente, já concretizada
 É de louvar seus benfeitores
 Nobilíssima obra seja eternizada
 Teus contemplados, aliviam suas dores
 Repousando, uma velhice acarinhada
 Obra bela; raio de esplendores

Deus pague aos seus criadores
 Inibindo-os para sempre da pobreza
 A recompensa que sóis merecedores

Neste Mundo repleto de agruras
 Onde reina a agressão mundial
 Salvai do mal inocentes criaturas
 Sofrendo, anseiam fim a tanto mal
 Assim o Imploram, corações cheios de ternuras

Santa dos alpalhoenses é tão crente
 É Nossa Senhora da Redonda
 Nome que Crismou o Centro
 Homenagem aceite pela sua Grai toda
 Os idosos agradecem do coração
 Recanto que há anos tanto aspiravam
 As humildes famílias de Alpalhão

Dotado seja em breve, centro permanente
 Auxílio pleno a quem falta, família e pão

Reconhecidos façamos à Benfeitora
 Exemplo meritório de Dona KENDALL
 Dando provas de magnificente Senhora,
 Obra que alpalhoenses agradecem em geral
 Não esquecendo, os benevolentes entre o seu Povo
 Dando provas de inegável colaboração
 Ao seu CENTRO DE DIA, tão generoso...

BEM-HAJAM

Joaquim Carrilho Capelão

A M O R D E P A I S.

Minha extremosa filhinha
▲ Virgem-Mãe te proteja
Revelando-te boazinha
Inibindo-te da vileza
▲ qual o Mundo dizima

Jesus te de boa sina
N^o Olvidam-no sinceramente
Seu pai e sua mãezinha
É a sua préce permanente
Modésta sejas para sempre
Oxalá, já mais te envaideças
Um pouco sábia que sejas
Revêla-o ao teu semelhante
Auxiliando-o constantemente
Te peço provas sobejas
O filha em ti estou crente
C^ore em DEUS eternamente
Adora-o e a todos, sem desdita
Praticando unânimemente
Exemplo de obra-bendita
Legando ao teu semelhante
Amor, carinho e ternura
Os teus pais te o suplicam...

Lisboa, em 1967

O pai.

É linda a branquinha a vila de Alpalhão
Orlada de montados e olivais
São mais amados os que daí não são
De que ,alguns que de ti são naturais

II

São lindas as moças de alpalhão
Trajando chaile bordado e cachinó
Quando a fonte dára a água vão
Levando sobre a cabeça o cântaro em pé

III

Pelo carnaval, dia festivo das comadres
É deslumbrante, ver naquela noite o baile
Moças trajando, saias e lenços a mão bordados
E os seus peitos, replétos de ouro, engalanados

IV

Recordo-me ainda da Fonte Velha
E ribeiro das lavadeiras
Que enquanto a água fervia prá barwéla
Era faltar de rir, ouvindo as linguareiras

V

A festa de N.º S.º da Redonda abençoada
É recordada por muitos com saudades
Por nela terem descoberto a sua amada
Aumentando ao regressar, a fila dos namorados

VI

No dia do Mártir S. Sebastião
É-lhe feita a festa, pelos paroquianos
Pelos seus crentes é levado em procissão
Leiloando a tarde, a oferta dos seus ramos

VII

Na quinta -feira de Ascensão
Dia da espiga abençoada
Desfila pela vila a procissão
Que pelos seus filhos é venerada

VIII

Entre a Quaresma e a Páscoa, ao serão
É realizada a procissão do N. S.º dos Passos
Que pelos filhos de Alpalhão
A sua imagem é levada em braços

IX

Estão esquecendo o S. João Baptista
Já quase não vão a fonte á água -nova
Nocidade não te tornes egoista
Volta ao antigo, deixa a leviana móda.

X

Na noite de São Martinho
Recordo-me o Ti Zé-Bécho
Que dava a beijar o Santinho
A que um cópo lhe desse.

Dezembro de 1987

Filho é e pai será
 Lá diz o velho ditão
 Só ao pelo saberás
 O signo de tal versão

II

Pois aqueles que já o são
 Sabem quanto os enternéce
 Ao ser-lhes beijada a mão
 Logo que o dia acachéce

III

É numa constante préce
 É orando a DEUS com fervor
 Que o pai e a mãe lhe agradece
 O fruto do seu amor...

IV

É num constante labor
 Unidos lutando vão
 Para que ao fruto do seu amor
 Não faltem, o curinho e pão

V

Já mais lhe néga o perdão
 Pela ofensa mais cruel
 Pois traz sempre no coração
 Seu filho como o mais belo

VI

Até mesmo o néto dele
 Afaga carinhosamente
 Voltando a reviver com ele
 A vida de antigamente.

Fim.

AGOSTO DE 1987

Alpalhão que me deste o ser
Que com tecto o coração abraço
Apesar de em adolescente sofrer
Pisando no inverno, tuas pedras descalço.

II

Para aquecer corria com o Arco
Ao serão, brincava ao Amarral
Jogava à semana e ao macádo
E ao esconder do verdigalho.

III

Jogava ao eixo-ribaldeiro
Ao pião a ganhar nicas
Saltava ao caramelo ao pau do eixo
E a ródá, barreto lá vai lá vai, lá fica

IV

Vinha o Sábado de Aleluia
Os guises e chocálhos iam tocar
Alegremente correndo pela rua
Iado M^o Sar^o, da Redonda visitar

V

Roérde as noites de S. João
Nos largos da Vila, os alégres bailaricos
A bonéca: de trápos, que findo o serão
Recheada de bombas, acabava em farrapos...

VI

Entre palmas, risos e gritos
Era tam^o desfeito o repuxo
Alegremente, conviviam póbres e ricos
Nãe precisando, de salões de luxo.

VII

Cantavam-se saías e módas
Qundo não havia harmónio
Raparigas, de saías de grndes ródas
E rapazes, de jaqueta curta á campónio

VIII

Eram lindos os fátos de carnaval
Que mãos Hábeis confeccionavam
Os peitos das raparigas, cobertos de ouro real
Oh!, que ensatadores ficavam...

IX

Toda a noite se bailava
Até o Sol raiar...
A mocidade não ex^o tenuava
Queria era a vida gozar.

X

Lindos usos e costumes estão a acabar
Em todo o nóssu PORTUGAL
Deixando-se de confraternizar
Daquêla maneira, tão leal...

Outubro de 1989

OS TEUS ÓLHOS

Os teus olhinhos fechados
Aparentem dois berlindos
Mas ao vê-los descerrados
Ai! como são deveres lindos

II

Brilham como as Estrelas
Atraem como as Flores
Mais parecem, raras pérolas
Refletindo lindas cores

III

Suas pestanas parecem folhinhas
Embelezando lindas flores
Constantemente regadinhas
Com doces palavras de amores

IV

Dou graças a natureza
Que nos legou tais pergaminhos
Fascinando-nos com tal beleza
Projectada pelos citados olhinhos...

FIM.

Março de 1992

A L P A L H A O

ALTO- ALENTEJO

(AGS. SORTEADOS DO MEU ANO)

Já cinquenta anos lá vãe
Que para a trópa fomos chamados
Um abraço aos que vivos estão
Recordando os tempos passados

II

Estamos a ficar desgastados
Já se foi a mocidade
A DEUS ficamos agraciados
Por nos prolongar a idade

III

N este vóto de pura amizade
Revivando os tempos do então
Vai um abraço de lealdade
Do vósso amigo Capelão

(Aos repousantes)

Vós que jazem sepultados
Que a vósso alma esteja repousante...
No CÉU, por DEUS abençoados
Faz vótos este amigo, eternamente

F I M

(MARÇO DE 1992)

Joaquim Barreira

A L P A L H A M _ - T E M P O S D E A N T A M .

Vila clara como casca de ovo
So de cal branca era caiada
Pelas mulheres do seu povo
Logo que o S. João se aproximava

II

Atafonas e palheiros branqueava
Tornando-a plenamente clararinha
Que já mais outra a suplantava
Parecendo de noiva vestidinha

III

Está ficando de cores mescladinha
Aparecendo verde, azul e castanho
Perdendo a tradição que de longe vinha
Até, o tão airoso Monte Alentejano

IV

É pena que os conterrâneos
Não queiram perpétuar
O que de lindo aí temos
Para os vindouros admirar...

FIM

Abril de 1992

O CORPO E ALMA

A morte anda em todo o Mundo
Sem pão nem pedra na mão
Leva rico, leva pobre e leva tudo
Seja fraco ou valentão
1
Há a aparente ilusão
Dado que não é mesmo eterna
Repouse o corpo em jazigo ou caixão
Desaparece toda a matéria
II
O tempo em nada pondéra
Tudo cai na eternidade
Tudo se esvai sobre a terra
É esta a pura verdade
III
Por mais que fique gravado
Seja em bronze ou pedra dura
O vestígio dum passado
No mundo nada perdura
IV
Só a alma da criatura
Dizem perpétuar no Céu
Se a vida usou com lisura
E foi católico e não ateu ... (Eis o pensamento meu)

FIM.

Junho de 1992

A P A Z

Falam em paz é mentira
Em vida tal não existe
Unico lugar onde a conheço
É no cemitério triste.

I

O homem com sua mulher
Por muito rico que seja
Tem sempre uma richa qualquer
Ainda que tudo em casa lhe sobeja

II

Se acaso filhos tiver
É uma guerra que ali prolifera
O peeta na sua giria
Também tem a sua deixa.
Tudo o mais assim se queixa
Falam em paz é mentira.

III

Dizem o Mundo ser bóla rotativa
Em torno do eixo da terra
Que o ser humano desumaniza
Revelando-se autêntica fera
A brutal ambição é a divisa
Falam em paz é mentira

IV

Se este Mundo não deliria
Com um bem estar em geral
Deve-o ao bicho homem que aspira
Ser Rei, e com poder sobrenatural
Trazendo ao irmão tanto mal
Falam em paz é mentira

F I M .

P S .

(hoje que 71 anos fecho, eis o parecer
que lhes deixo)

27/7/1992

ALPALHÃO

ALTO - ALENTEJO

(Está assim situada)

I

Ao Poente Gáfete e Tolósa
Ao lado Vale do Peso, terra-boa
Mais além Flor da Rosa
Com estrada nova para Alagoa

II

Mais para o Sul, fica o Crato
Ao seu lado Aldeia da Mata
Perto fica Seda, lugar pacáto
Alter do Chão, mais distanciada

III

No lado Norte, fica Nisa situada
Á Nascente, Castelo de Vide terra linda
Portalegre, a sua direita engalanada
Eis Alpalhão; entre elas bem metida

P I M .

Setembro 1992

Os filhos de nósse Alpalhão
Eu felicito com todo o gosto
Per manterem a tradição
Das grandes festas em Agosto

Percorrendo as ruas da vila
Lá vai a banda a tocar
Que o povo delirará ao ouvi-la
Pois faz a festa animar

III

São várias as diversões
Na Devesa e Monte Filipe
Onde todos querem ser campeões
É animado o despique

IV

Sobre a cabeça o cântaro em pé
Fazem as tradicionais correrias
Mestrando a todos como é
Mais parecem acobracias

V

Há as corridas do sacco
Que originam trambulhões
Dando saltos à macaco
Fazendo rir os feliões

VI

Era giro noutros tempos
A corrida de burros e burras
Como quase não há jumentos
Já não há cavalgaduras

VII

Com ciclistas da terra, e região
Paz-se a volta as redondezas
E lá vai o veterano PATÃO
Altaneiro, nas suas proezas

VIII

Temos touradas a vara -larga
Onde o Povo não arréda
Grita, grita até ver realizada
A tão dura e desejada péga

IX

Ao serão temos a esplanada
No grande largo enganado
Onde há fados e guitarrada
Até alta madrugada...

27/7/1992

ALPALHÃO
ALTO-ALENTEJO

I

Temos o Ramal de Portalegre
Que dá acesso a Castelo de Vide
A Rua Detrás do Adro o ségue
E nesta a das Tarécas têm nascido

II

Ségue-a a do Poço Janeiro
Que vai ter a de S. António
O Bêco das Sáfras é-lhe fronteiro
Cujo termo ainda é campónee

III

Temos a Estrada das Amoreiras
Que nasce na Devesa de Baixo
A dos Pelames nas trazeiras
E o Largo da Cobérta lógo a baixo

IV

Temos a Rua do Curral
Já me esquecia a da Regata
A Rua da Cruz é-lhe lateral
Que na Devesa de Cima acaba

V

O Monte Filipe é-lhe frontal
Ao lado, a Estrada para a Estação
O Largo do Calvário quase frontal
Mais além, a Rua de S. João

VI

Para trás, fica a da Ponte Nova
E a Estrada para o Ribeiro do Chão
Lá para o meio, a Rua Direita toda tórta
Paralela, a do Castelo de então

VII

Perto fica o Largo da Praça
E o do Terreiro quase frontão
A do Monte Sete nesta desembarca
Mas a de São Pedro já não

VIII

Lá para trás fica a da Cadeia
Perto a de Santa Maria
Largo do Arrabalde das pleiás
E a da Carreira que já me esquecia

IX

Nomes como a conhecia
Na mocidade que nela vivi
É natural que hoje em dia
Não se chamem todas assim

X

Se de alguma délas me esqueci
Pêço a alguém para me lembrar
Para as adicionar aqui
Afim de as completar.

F I M .

(Setembro de 1992)

Quando eu um dia me finar
Creiam levo para a sepultura
A pena de não ter chegado a abraçar
Aquele que me revelou tanta ternura

II

É de regular formosura
Mas de inesquecível semblante
Que confesso amei com loucura
Sofro, por ter sido perante ela falsante

III

Fiz-lhe uma jura perjurante
Quando a amei com pureza
Mas tive uma leviandade no pensamento
Que eternamente sofrerei com tristeza

IV

Cumprir a dita jura é uma incerteza
Falta que se me não apaga da mente
Orando a Deus; peço a subtileza
Que nos una as almas, no Firmamento

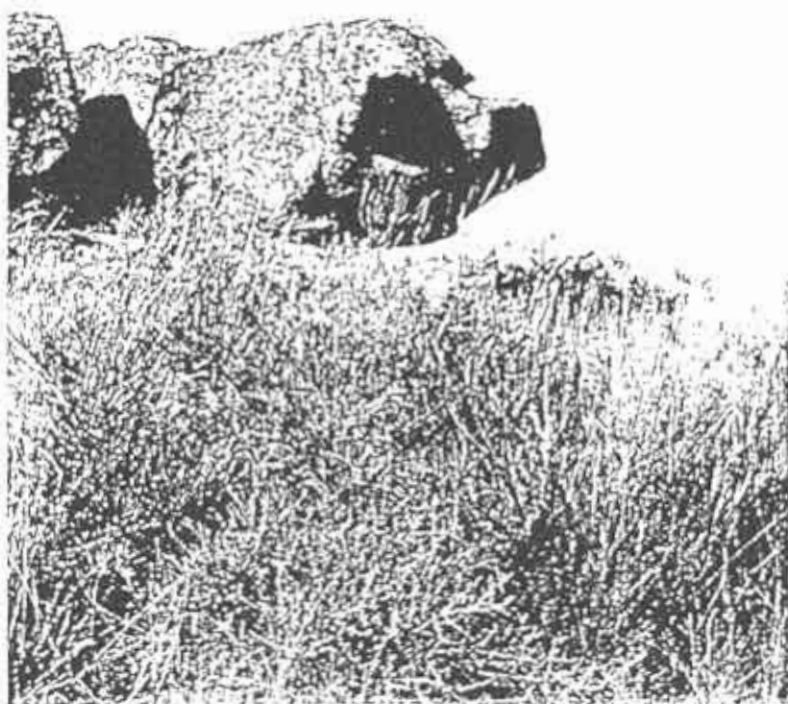
V

E aqui termina o meu pranto
Pelo erro acima citado
Se em vez de Capelão fosse Santo
Por certo, nunca teria fakhado .

P I M
v

Outubro de 1992

ALPALHÃO
ALTO-ALENTEJO
O FOCINHO de PORCO



(Dites dos seus Habitantes)

No caminho que dá acêsse a Capéla de Nossa Senhora da Redonda, existe uma enorme pédra, cujas características se parecem muito com o focinho de um porco, nome que lhe é atribuído pelo seu povo. Em frente, surge por vezes um pequeno láge, sobre cavidade na pédra e na qual está gravada uma pequena cruz, que dizem perpétuar a história duma vélha, que no fundo do dite láge guardava as suas moédas e que um dia para lhe as roubarem, foi mórtá por desconhecidos.

Poema ao Dite

Naquela pédra de grande pórtá
Que nos legeu a Natureza
Aparece-nos o focinho do porco
Que é uma autentica beleza

II

Inspire que em sua defesa
A Junta e Câmara Municipal
Façam pra que ésta secular beleza
Perpétue, como Monumento Regional

III

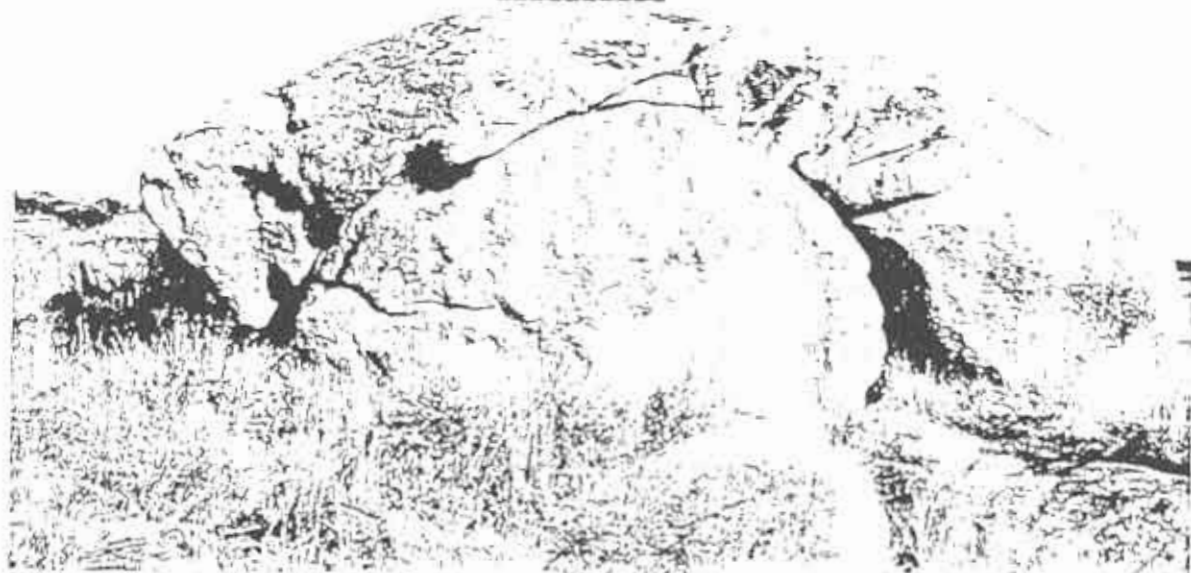
Incluindo-o no seu feral
Divulgando-o com expansão
E, ali iriam admirá-lo
Muitos filhos da Nação

P I M.

Novembro de 1992

ALPALHÃO

PENEDOS dos CINCO
DEDOS.



POEMA

Conhecida pela pédra dos 5 dedos
Peles filhas de Alpalhãe
Quando Nêssa Senhora poiseu no penedo
Cujas marcas ainda lá estãe

II

Também aparenta um bicharrãe
Com toda a sua enorme grandeza
Mais um fenômeno do entãe
Que nos legou a Natureza.

F I M .

Novembro de 1992

Recordando alguns filhos de ALPALHÃO

Lembra-me o Ti Fortunato
Guiando a sua junta -real
Lizendo para ela o seu disparate
Apesar da dita ser irracional

II

De espirito alegre e muito reinante
Homem bom, de raro dote hospitaleiro
Acolhia o mendigo viandante
Sob as telhas do seu palheiro

III

(Outro)

Jamais me esqueço o Ti Baril
Bailando de garrafa em pé sobre a caréca.
Fingindo telefonar para a guerra e Brasil
Tinha a partes levadas da breca

IV

Só o fazia, quando se tomava da pinguinha.
E todos fazia rir sem maldade
Por ele o mal ao Mundo não vinha
Recordo-o com muita saudade

V

(Outro)

quem já esqueceu o Ti Zé Bêcho
Grande crítico do seu semelhante
Por vezes, era tido como incorreto
Só o S. Martinho o tinha como Santo

VI

(Outro)

Lembra-me o Ti Sanforrião
Diariamente andava borracho
Chegava a cair no chão
A água da chuva a passar-lhe por baixo

VII

Com a sua crítica habitual
Barafustava noites e dias
Alcunhando de Cunha Leal
O então marceneiro Matias.

VIII

(Outro)

Recordo o Ti Zé Zic seus burros magriços
Que, com o seu espirito de brincadeira
Dizia, olhem para estes malditos
De tanto brincarem ganham joelheiras

IX

Mal suportando os ossos da magreira
Se alguém lhe dizia tem a parelha magra
Respondia; sempre têm palha na manjedeira
Mas os malditos não encheram a fava.

(Continua)

X

(Outro)

Recordo-me do Snr. Benigno
Dotado de forte pulmão
Para discursar era destemido
Pelas ruas de Alpalhão

XI

Posse de inverno ou verão
Certas noites não dormia
Era infindo o seu sermão
Mas, que ninguém ofendia

XI

Logo que a taberna abria
La ia matar o bichinho
Devorando a sede que trazia
Do tão longo sermãozinho.

(Outro)

XII

Não esqueço o Ti Romanchiante
Que quando aviava no seu balcão
E fiado lhe pedia a cliente
Gemia; ai o mê braço Ti Romão...

XIII

Na velhice foi sacristão
E habilmente os sinos tocou
Foi tão nobre nesta missão
que, alguém mais o suplantou

XIV

Muitas saudades deixou
Ao seu povo de Alpalhão
Até o sinal do meio dia acabou
Que dava ao rural, a hora da refeição

XV

É triste; ouvir hoje os sinos de então
Quando tocavam a casamento ou baptisado
Quase pareciam um carrilhão
Hoje é impercetível o seu trinado.

(Outro)

XVI

Relembro também o Jam-António
Fisicamente um homenzarrão
Mas, por infelicidade simplórb
Não passou de um pobretão

XVII

A sua força era sobrenatural
Toda a gente se admirava
Tal era a carga brutal
Que o seu dorso suportava

(RESTANTES)

Homenagem présto aos de outrora
E são muitos os que tenho em mente
Que, como exemplo sito: Adiano Rebóla
Que; como tantos outros, acabou ~~men~~algando ao semelha

FIM.

1992.

RECORDANDO

A MINHA TRISTÍSSIMA INFÂNCIA

I

Quando era rapazinho
Sofri forte privação
A cama era de buinho
E não tinha sequer colchão

II

Tinha como leito chão
As mantas eram de trapos
O quarto era um barracão
E a colcha feita se sacos

III

As pulgas eram milhentas
Qua minha pele crivavam
Pintando as camisas brancas
Com o sangue que me sugavam

IV

Ainda andava na escola
Já era triste a minha sorte
Chegado a casa, deixava a sacóla
E lá ia guardar burros e porcos

V

Lógo que fiz a a quarta -classe
Começou lógo a minha fona
Comecei a trabalhar com o sacho
E a ir para a monda e para a azeitona

(Segue)

VI

Pelos ~~montes~~ comecei a trabalhar
Cinco escudos era a jórna
E tinha de lá pernoitar
O conduto e a córna

VII

Comia azeitonas e carne de marrã
Que mal ou bem confeccionava
De prato e panela servia a certã
Com migas e açorda me alimentava

VIII

Quando a roupa do corpo se molhava
Passava frio até tremer
Só quando ao monte chegava
Ao lume, a roupa secava para aquecer

IX

A minha infância foi padecer
Mas; já lá vai o duro mau tempo
A DEUS; não esqueço de agradecer
O meu bem estar actualmente

X

Desejo que a todo o ser vivente
Tal, não lhe volte a acontecer
Que tenham uma vida mais sorridente
Já basta terem de morrer!

F I M .

1935

Homenagem as Salsicheiras

Parabens as salsicheiras da Alpalhão
Que são hábeis entre as primeiras
Pois confeccionam dum porcalhão
Carnes de muitíssimas maneiras

II

Buchos prós ceifeiros nas salgadeiras
As gostósas morcelas e os cominhos
As famósas farinheiras
E os tão famósos painhos

III

O curado ao fumo para as favadas
O mouro para as acompanhar
E nas boas feijoadas
O chouriço cristão, não pode faltar

IV

Da massa das farinheiras
Fritam-se os bons párratos
Para as migas as saborósas cacholeiras
que é dos tradicionais pratos

V

Dão -nos os painhos e nativos
Torresmos do rendilhado das tripas
O chispês roubados para os cozidos
Que também levam as belas linguiças

VI

Os óssos da suãna sopa das couvinhas
E o tão famoso arroz de cachóla
O paio das belas febrinhas
Nas tripas gróssas, ensacam os paio granjólas

VII

Na matança do fumeiro ha sempre festança
Entrando os familiares e amigos
Co mendo do dito, até encher a pança
Reinando grande alegria, na matança dos ditos ,

F I M .

1985

(TEMPOS IDOS)

G randes businadas davam
 A ntes do romper da manhã
 N as ruas da vila todos acordavam
 H ouvesse chuva ou nevão
 Ô s homens de pelico e sações abriam fileiras
 E mal o sol raiava, as reses ao arado prendiam
 S ulcando com elas as terras seareiras

M andando nos seus carreiros
 A ele competia ~~tatar~~ das mareas
 I ndo embelezar com as guiseiras
 O s seus arreios altaneiros
 R epticando as campainhas
 A carretavam os sereais para as eiras
 I mpecaveis no amanho das carradinhas
 S ão muito briçosos os maiores...

M andando num rancho de raparigas
 A i vai como se fosse o pai delas
 N a monda das ervas daninhas
 A liviando as searas de as
 J ovens já arduamente lutando
 E elas fazendo por ganhar a vida
 I nocentes mas já mourejando
 R udes eram as suas sinas
 O ra cantando ora chorando a ausencia das familias...

P astoreando o seu rebanho
 A inda a auróra mal raiava
 S alta do socho e com reganho
 T irava ás ovelhas o leite para a ferrada
 Ô pastor e o seu cão, vigiavam o alavão
 R egosijava-se em manter gordo o povilhal
 E mbora levando vida de eremitão
 S ábios eram no fabrico do queijo regional

P elos montados alentejanos
 O s porcos ele guardava
 R ecebendo a maquia dos seus amos
 Q uando a mesada findava
 U sufruindo comestia só de trigo e uma cria
 E m dinheiro, pouco ou recebia nada
 R aramente com a familia convivia
 O n! que vida tão rude ele suportava...

F elas ruas da vila de Alpalhão
 R ecordo-o ou verdadeira saudade
 E ra assim o veterano Castelhana João
 G ritando, fulano vende as propriedades
 O beltrano perdeu as suas chaves
 E a quem as achar dará alvissaras
 I ndo a casa do ti Ramiro as saruinhas
 R abos de pescada e carapaus tem a Ti Virginia
 O Ti Zé Alguem, carne de marrã fresquinha...

F I M
 1942

DEUS ABENÇOA ALGUNS PÓBRES
*****I*****

Os póbres também são ricos
Em pulgas e piolhinos
O rico não possui os ditos
É mais feliz em tais destinos

II

O rico traja fatos caros e bonitos
O póbre fatos rotos que se farta de remendar
O do rico não tem buracos fica aflito
O póbre consola-se a refrescar

III

O rico dorme mais sossegado
Sem ter pulgas para coçar
O póbre passa noites acordado
Com frio e fome de rabear

IV

Mas se um tremor de terra vibrar
O rico fica seriamente aterrorizado
O póbre pouco teme o trevoar
Não teme sob a barraca ficar soterrado

V

Muito rico morre soterrado
Sob os escombros do tremor de terra
Ele que se julgava supermentel instalado
Foi vítima do palácio que tivera.

VI

Neste caso o póbre pouco sofrera
Com a trágica derrocada
Nada tinha nada perdera
Continua vivo; embora sem nada

VII

A nobreza e a pobreza, vêm no nascer destinada
Não se póde fugir ao bom ou cruel destino
Deves dividir com os póbres as sóbras de tua casa
Deus te dará, um fim certamente mais Divino...

F I M .
1990

(O seu Carnaval de então)

Éra de véras festejado pelas pessoas jovens e até pelos mais velhos, cantando e bailando durante dias e noites, quase sem descanso.

Nos salões e casas particulares os bailes sempre á cunha, nos quais se cantavam as tão tradicionais saias, cantigas populares e despiques travados entre vários pares com as suas improvisadas rimas e aos quais não faltava o tão tradicional harmónio tocado por habéis amadores.

Faziam-se também as lindas contradanças, muito bem ensaiadas e engalanadas com os seus lindos arcos repletos de flores. Na famosa quinta-feira das comadres (feriado local) á noite as reparigas levavam para o baile o seu tão rico e vistoso fato de carnaval, constituído por lindas saias e xalles bordados (alguns) pelas suas habilidosas mãos, que eram autênticas obras de arte. Engalanavam os seus peitos plenamente, com as mais lindas e variadas peças de ouro, dando-lhes um aspecto deslumbrante. E, durante esse dia as comadres juntavam-se e cozinhavam o tradicional arroz-doce, que juntas com os seus familiares e amigos alegremente confraternizavam, tendo antes na parte mais alta da casa, colocado uma bandeira de pano, simbolizando a dita fésta; bandeira ésta que as rapazes tentavam a todo o custo, e usando vários truques, destruir; não desistindo até o trofeu cair por terra, assaltando de seguida a residência acabando por lhes ser dado amigavelmente, a provar o tão célebre arroz-doce.

Nos principais dias de carnaval, Domingo-gordo e terça-feira, viam-se os entrades a deslilar pelas ruas da vila, alguns com muita graça, e aos quais os taberneiros ofereciam bebidas, alegrando-os mais ainda. Só quando o Sol já raiava na manhã de quarta-feira, é que o baile terminava.

Apesar de muito cansados, reuniam-se os namorados, indo em grupos, visitar a Capéla de Nossa Senhora da Redonda, orando certamente para que o próximo carnaval voltasse rapidamente com muita alegria e saúde.

Actualmente, os acima citados usos são diferentes, dedicando-se os jovens a divertimentos mais sofisticados, e, as reparigas já não usam os tão lindos fatos de o carnaval, apesar de muitas ainda os pesuïrem.

É sem dúvida uma pena, pois outróra, muitas pessoas se deslocavam á nossa terra para as admirarem.

SUGESTÃO:

Reparigas de Alpalhão, voltai a festajar, mostrando pelo menos no vosso dia da comadres, como são de véras lindos, os fatos que ainda tendes arquiados.

Joaquim Carrilho Capelão

1992

ALPALHÃO - ALTO ALENTEJO

É a nossa terra querida
Toda éla é muito alegre
Pertence ao concelho de Nisa
E ao distrito de Portalegre

II

Já foi concelho noutro tempo
Um tempo que vai distante
Hoje é apenas uma vila
Onde o seu povo é brilhante

III

Há um sorriso em cada face
Há sempre um bom coração
Há sempre algo para dar
Ao pobre que pede pão

IV

A nossa gente é alegre
Apesar de ser modésta
A nossa linda terrinha
Parece sempre estar em festa

V

É uma vila hospitaleira
Nunca a alguém diz que não
Não há terra tão bonita
Como o Nosso ALPALHÃO

Da Auoria de:

Maria Lurdes Riço.

1982

A festa de Nossa Senhora da Redonda é realizada segunda-feira de Pascoa.

Festa do Mártir - Santo em Janeiro (dia variavel).

Feiras: no; primeiro Domingo de Abril, segundo Domingo de Julho e no terceiro Domingo de Novembro (isto antigamente).

Vila tradicionalmente agricola, situada em terreno fértil e plano; possui desde ^{er} rãs remótas uma industria tradicional (caseira) o fabrico de calçado.

Antigamente os alpalhoeiros com a sua fala caracteristica, não faltavam as feiras com o produto do seu trabalho.

Hoje estes artistas tendem a desaparecer. Mas em Alpalhão ainda se fabricam as bótas de elástico e de atado com sólas de pneu e as sandálias típicas e bótas altas.

(assim se cantava em Alpalham)

Depous co mund é mund (o)

Munta gente tem morrid (e)

Nim na terra fazem falta

Nim o Cé se tem inchid (o)

Quatre cousas qué um am (e)

Dum criéd(o) qui o sérve

Andá munt(o) e camê pouc(o)

Dormi pouc (o) e andá alégue

F I M .

Milagres das Benzedelas

Dores de cabeça

Deus te criou, Deus te segurou, Deus te livre do mal que
para ti olhou, Senhora do Pranto, te livre deste cobran-
te. Em nome do Pai, Filho e Espírito Santo,

COBRELO

Doenças de pele (Cobrões)

Cobrão não mēdres nem cresças, nem unas o teu rabo com as
cabeças e não desças para não medrar.
O Santíssimo Sacramento te hade secar.

Está onde o Santíssimo Sacramento, queremos o Pai o Filho
e Espírito Santo. Se for cobrão, traçamos-te o corpo, se
for cobraz, o coração te arrachó, por que não quero que
mēdres, nem cresças, nem nunca pois unirás o teu rabo com
a cabeça. O corpo te o crã traçar e a Virgem Santa te o
ha-de ajudar.

Em seguida, e a se ao ferreiro para queimar o trigo com
um ferro em brasa e o suco era aplicado sobre a pele das
costas, para secar.

F I M .

OS DESCANTOS. ----- A L P A L H Ã O.

=====

Ai ó Ana já te casáste
 Ai já puséste a mão na cruz
 Ai Deus te faça bem casada
 Ai como a Virgem com Jesus

II

Ai ó Ana tua mãe chorou
 Ai quando foste para a casa tua
 Ai dizia-te ó querida filha
 Ai que sorte será a tua

III

Ai venho de tão longe apé
 Ai dos lados de Alter Pedroso
 Ai elha lá tu bem ó Zé
 Ai faz o mundo mentiroso

IV

Ai no cimo da tua mesa
 Ai está uma rosa encarnada
 Ai ólha lá bém ó José
 Ai estima bém a tua amada

V

Ai eu venho daqui tão longe
 Ai dos lados da Fadagosa
 Ai escuta lá ó compadre
 Ai estima bém a tua esposa

VI

Ai ao cimo daquela rua
 Ai ao fim daquela calçada
 Ai está uma rosa branca
 Ai que hoje está a ser desfolhada

VII

Ai ólha lá tu ó José
 Ai raminho de salsa crua
 Ai é para acarinhares a mulher
 Ai e nunca pores na rua

VIII

Ai ólha lá tu ó Manuel
 Ai escuta bém o meu descanto
 Ai goza bem a lua de mel
 Ai com aquela que amas tanto

IX

Ai escuta lá ó Marizé
 Ai diz-me se a noite é béla
 Ai aproveita bem a maré
 Ai nem sempre Ha vento prá véla

P I M .

NB: Estes descantos são cantados por uma das noivas, durante a noite do casamento, pelos convidados. Só param de cantar, quando o noivo lhes vêm oferecer a perna de carne assada, bolos e bebidas, para os cantores e cantoras irem confraternizar. Esta tradição é secular na Vila de Alpalhão, A. Alentejo.

Estas é que são as baianas
 Estas mesmo é que são
 São cantadas e bailadas
 Pelas moças de Alpelhã

II

Cantem e bailem raparigas
 que o baile para voces é
 As que não cantam nem bailam
 Também lhes escorréga o pé

III

Para aprender a dançar
 não é preciso saber
 Basta por um pé no ar
 Outro no chão a bater

IV

Viva quem agora veio
 Mais quem agora chegou
 Era para me ir embora
 Mas assim já me não vou

V

Se o bem querer se pesasse
 Na balança da razão
 Para o meu lado penderia
 A corrente até ao chão

VI

Da palmeira nasce a palma
 Da dita palma o palmito
 Na palma da minha mão
 Trago o meu destino escrito

VII

Ó lua que vais tão alta
 Alumia cá para baixo
 Perdi o amor da minha alma
 E quero ver se o acho

VIII

Se houvesse correio para o Céu
 Eu queria para lá escrever
 Para procurar a Deus
 Se sejas meu até morrer

IX

Mandei fazer um relógio
 Das pernas dum caranguejo
 Para contar os minutos
 E horas que te não vejo

X

Nesta casinha modésta
 Tu pódes contar comigo
 É sempre dia de fésta
 Quando recebo um amigo

XI

(Continua)

Não ólhes para mim não ólhes
 Que eu não sou o teu amor
 Eu não sou como a figueira
 Que dá fruto sem flor

XIII

Cravo rocho á janéla
 É sinal de casamento
 Ó moça recolhe o cravo
 Para casar ainda tens tempo

XIV

Mangerico miudinho
 Abana como o centeio
 Agóra os rapsinhos
 Só já têm é paleio

XV

Quando eu era solterinha
 Usava fitas e laços
 Agora que sou casada
 Uso os meus filhos nos braços

XVI

Se vires a mulher perdida
 Não a trates o om desdem
 Que por andar na má vida
 Já fei honrrada também

XVII

Carapêto floride
 Ao longe parece renda
 É como o teu sentido
 E Peis não ha quem o entenda

XVIII

Ó mar alto ó mar alto
 Ó mar alto sem ter fundo
 Mais vale andar no mar alto
 Do que nas bocas do Mundo

XIX

Chamaste-me ^{XIX}trigueirinha
 Sou trigueirinha, bem sei
 Mais trigueirinha é apimenta
 E vai a mesa de El-Rei

XIX

O reuchinol fanguero
 Faz e ninho a donde quer
 É como o rapaz selteiro
 A procura de mulher

FIM.

CANTARES DEDICADOS A: S. JOÃO; S. ANTÓNIO e St. ISABEL.

=====

Sante António é a 13
 São João a 24
 São Pedro a 29
 Santa Isabel no cabo.

II

São João adormeceu
 No colo de sua tia
 Acórda João acórda
 Que já chegou o teu dia

III

S. João baptizou Cristo
 Cristo baptizou João
 Foram os dois baptizados
 Lá no Rio de Jordão

IV

De onde vens tu ó João
 Que vens todo orvalhado
 Venho do Rio Jordão
 De fazer um baptizado

V

De onde vens tu ó João
 Que vens todo molhadinho
 Venho do Rio Jordão
 De apanhar o rosmaninho

VI

São João para ver as moças
 Fez uma fonte de prata
 As moças não vão a ela
 São João todo se mata

VII

São João perdeu a capa
 De baixo duma latada
 Juntaram-se as moças todas
 Fizeram-lhe uma encarnada

VIII

São João é bem velhinho
 É velho mas é velhaco
 Foi com tres moças a fonte
 Foram tres, vieram quatro

IX

É meu São João baptista
 Ó meu baptista João
 Hei-de ir a agua -nova
 Na noite de São João

X

Ai vem o São João
 No seu cavalhinho branco
 Vem apagar as fogueiras
 Que se acenderam no campo

XI

Ai vem N.ª Senhora
 Com suas contas na mão
 Vem rezando vem pedindo
 Que se cante o São João.

PIM.

Dados fornecidos por:
 Maria de Lurdes Riço

PROVÉRBIO

(Real)

- Quem ganha 1 e gasta 2 nada tem para depois
" " 2 e gasta 3 nada tem para a outra vez
" " 3 e gasta 4 escusa de bolsa nem saco
" " 4 e gasta 5 tem que andar sempre faminto
" " 5 e gasta 6 nunca juntará dez réis
" " 6 e gasta 7 olhe lá no que se mete
" " 7 e gasta 8 não poderá andar afoito
" " 8 e gasta 9 de rico chega a pobre
" " 9 e gasta 10 fica sem sapatos nos pés

(É caso para meditar)

#####

Já mais criticar o marido em público

É que toda a gente tomará o partido da vítima e mesmo assim de maneira pouco elogiôsa *Olha com quem foi casar aquele pobre diabo!

#####

Desajuizado é quem supõe que para amar os pobres tem de mal querer aos ricos. Grande cruz é a dos que possuem excessivos bens. E o arrastá-la não é o seu maior encargo: - muito maior será o de ,na hora de contas, poder prestá-las.

(Que nos sirva de lição)

F I M.

PROVERBIO

Não digas tudo o que sabes
Não faças tudo o que podes
Não acredites em tudo o que ouves
Não gastes tudo o que tens

Perque:

Quem diz tudo o que sabe
Quem faz tudo o que póde
Quem acredita em tudo o que ouve
Quem gasta tudo o que tem

Muitas vezes:

Diz o que não convém
Faz o que não deve
Julga o que não vê
Gasta o que não póde

F I M .

(Pura realidade)



Largo do Monte Filipe

O Senhor José Galinha, cantando o Presépio

José esposo amado
E a-vós parece bem
Nós estamos terminados
Para irmos a Belém

Pois Senhor já que assim é
Vamos não tardamos nada
É muito comprida a jornada
Não podemos ir a pé
Que estás muito pejada

Mais leve mais descansada
Mais me acho nesse tempo
Mais bem-aventurado
Mais glorioso o Infante

Pois Senhor já que assim é
Me queira proceder
Levarei enxó e serra
Acharei que-fazer

ão na minha cestinha
E a cabacinha com vinho
Quem vai para o Egipto
Não póde ir sem comer

OS TRES PASTORES

Pastor do verde prado
Recordai o vósso bém
Vindo ver Cristo-Reinado
No presépio em Belém.

São José e Nossa Senhora

Entraí pastores entraí
Por esses portões a dentro
Lá verás estar Deus-Menino
Deitado no nascimento

Disputa entre pastores

Lourenço não ouviste?
Uma voz do Céu cantar
Eu ouvi sim
Fiquei tão louvado
Que nem pude falar
Lourenço, tu vinhas alvoraçado
Eu não, por aqueles altos pendurado

Era um Anjodo Céu
Que vinha a terra
Trazia grandes nóvas e louvores
Nascido do Redentor
No presepio em Belém
Á forma de pecador

Tu não viasque ele vinha vestido
Em roupas de Primavera
Tão preciosas e belas
Tudo vinha reluzindo
Em louvor do Céu e da terra

Não vos fiaís
Nos ditos dos astros que parecem fidalgos
Ficam nas autoridades
Pesca-me o chibo
E abarca-me o diabo

Nembro, que fazias tu?
Que não ouvias cantar
Eu fiquei tão louvado
Que não pude falar

Acabava de cozinhar
Minha caldeirinha das migas
E punha-me a almoçar

Pois não Nembro
Nós estamos terminados a cantar
Cada um a sua cantiga
Pois cante lá um a sua
Que eu cantarei a minha
Que trago nésta cabeça
Nestes meuscascos metida

ALVISSARAS

Alvissarasque disseram
Hibernou do Céu á terra
Encarnou umadonzela
Um anjo dela nasceu

Trazes pazes e amizade
Gracial para com Deus
Pois Senhor...
Cá nom meu má crâneolar
Os filhos te venho buscar

Retira-te, retira-te companheiro
Sem ceremoniar
Que naquela casa velha, está o esplendor
Onde está o menino?
Com quem vamos nos falar?

(segue)

Com alteza ou como está
Vamos falar com humildade
Que ele não veio a este Mundo
Buscar vaidade.

Pois Senhor já que assim é
Deixai-me falar primeiro -
Tenho lá mais que fazer
Tenho lá aspinhas migas
Que me podem arrefecer

Nembro retira-te para trás
Deixa falar o Lourenço
Que tu lógo falarás

P A S T O R E S (Coro)

Já estão pastores chegados
Ao fim do nóssó desejo
Em louvor do Santo-Sagrado
É possível que vos vejo

Em louvor do bem-aventurado
São os paços mais nóbres
E mais reais que há
Mas é bem que saibas já
Um lugar na corte
Onde corte o Rei está

Onde o Rei Deus nasceu
Em companhia daquela mãe
Maria, mãe donzela
Que no Céu era semelhante
Pai e filho Deus teu Santo
Que era filho de pai dela

Em palha meu Deus nos cúbre
O homem que fosse rico -
Honrado e nóbre
Um homem tão rico por nós
E vós por ele tão póbre -
Chorai meu Bom-Deus
Temos a alegria do Céu
Também temor no inferno

Corai, mostrai-vos;
Homens, anjos e animais
Vai buscar o que furtais
Senão faltares
Queres montar vamos.

Lourenço acaba já
Deixa-me oferecer
Tenho as tripas estalando
Que as quero ir encher

Darás ao duodeno
Só se comeres algum bocado
Cála-te pórcá gulósa
Salacurta sem rabo
Por causa duma maçã
Deixas-te te enganar do diabo.

Comaste-me gulósa
Tu mas pagarás
Se chegarmos a lutar
Tu debaixo ficarás

Eu ponho os meus pés
Acuda-me S. Gonçalo
Que quero montar a cavalo
Acomodaivoscanalha mau.

Eu senhor não quero crer
Nesse meternéssa cabeça
Que vós haveis de nascer
Hoje aqui nésta pobreza

Bem poderá o Senhor estar
Nuna caserna metido
Que eu iria buscar
Não haja quemeste lugar
Houvera algum abrigo

Pois Senhor, há tres dias que o meu amo
Cá lhe tenho feito as contas
Por estes meus botões
Que lhe devo tres vintens
Todos feitos em tostões

Se me chegar a pagar
A soldada por inteiro
Hei-de mandar fazer
Uma turbinaabismar
Se não me esquecer

Dominó Maria compósta
Gonçalo, está por aí o Lourenço?
Daqui abalou ele agóra
Cala-te porca gulósa
Comeste as migas
E foste-te embora

O DO SACO

Eu Senhor sou mais alteiro
Néssas coisas de pedir
De mim fizeram depenseiro
Para este meu sacco abrir

Também fizeram de mim tesoureiro
Para aceitar prata e oiro
Chouriços e aleções
E moedas entostões
Venha vinho, venha vinho
Nós tudo aceitamos
Só porrada é que regeitamos.

ESTREBILHO

Choraivos, mostraivos
Homens, Anjos e animais
Vai buscar que furtares
Se não faltares

Queres montar vamos
Lourenço acaba já
Deixa-me oferecer
Tenho as tripas a estalar
Que as quero ir encher

Cálãte pórcã gulósa
Salacurta sem rabo
Por causa duma maçã
Deixas-te te enganar do diabo

REIS

Lá nos portões de Belém
Se ofereceu uma planta
Era o meu Menino-Deus
Que nasceu da Virgem-Santa

Que nasceu do Rei dos reis
Dos Senhores dos Senhores
Das entanhas de Maria
Nasceram tão lindas flores

Entraí pastores entraí
Por esses portais sagrados
Lá vereis estar Deus-Menino
Numas palhinhas deitado

Numas palhinhas deitado
Está um tão grande Senhor
Sendo ele o Rei dos reis
Do imenso criador

Vão pastor s e serranos
Todos com grande alegria
Vão cantando e louvando
À virgem Santa Maria

Maria e mais José
Dizem vão para Belém
Dizem ir cantar os reis
Cantamo-los nós também

Senhora dai-nos os reis
Em louvor do Deus-Menino
Não deixarás de nos dar
Tendo nós tão bons padrinhos
José, José vai num anojado
Diz que vai para montanhas
À Virgem vai mui alegre
Leva Jesus nas montanhas

Jesus quando quis morrer
Logo fez seu testamento
Por exemplo nos deixou
O Divino-Sacramento

O sacrário está aberto
Forrado de oiro por fora
Já os anjinhos lá cantam
O Bivino Rei da glória

Todos os morgados nascem
Numa cama com cortinas
Só o meu Menino-Deus
Nasceu numas palhinhas

Trango latrango, latrango mais olé
Tenho uma chaga no peito
De me encostar ao cajado

Ó MEU MOURAL

Vamo-nos despedir do Menino-Deus
Para deitarmos o gado fóra
Agora vou eu, logo vai tu
Tão o Pascoela?
Pascoela é o primeiro.

Ó MEU MOURAL

O nóssô Menino-Deus
Tem duas minhócas minhóquinhas
Ó meu bruto...
Não ves que uma é minhoca minhoquinha
E que outra é o umbiguinho

Ó MEU MOURAL

O nóssô Menino-Deus
Está com os olhos a mexer a mexer
Ó meu bruto...
Se não tivesse os olhinhos a mecher a mecher
Já teria morrido.

Ó meu Menino Jesus
Deitai-nos a vóssa benção
Quero retirar-me da vóssa presença
Vou dar a vólta ao gado
Pela vóssa BOA-AVENTURANÇA

Ó meu Menino Jesus
Que lhe hei-de eu ofertar?
Ofereço-lhe o meu coração
Que é melhor prenda, que tenho neste lugar.

Ésta é que é a noite bela, mais olé
Ésta sim, as outras não
Ésta é que é a noite bela
Da-lhe vida e coração

Ó meu menino
Mal agasalhado
Sofrendo com frio
Em palhas deitado

F I M.

(REPORTANDO-ME AO PRESÉPIO)

Este presépio é cantado na noite de Natal, pelas casas de Alpalhão, recebendo os elementos que o compoem, qualquer dádiva, que lhes seja metida dentro do sacco, que um dos ditos pastores leva; é hábito esta por graça, roubar qualquer coisa (comível) que apanha á mão, quando presépio está em exhibição, facto que ninguem leva a mal.

O dito presépio é composto por cinco homens.

O primeiro veste na Nôssa Senhora e leva o Menino Jesus.

O segundo, São José, leva a cabaça, seira e pão na cesta, vai vestido com um capotão com capuz na cabeça.

Os terceiro, quarto e quinto: São pastores, um leva o sacco (é o mais habil) vão vestidos rigorosamente á pastor a móda da região, isto é: Chapéu de aba-larga, sações e pelico e cada um o seu cajado-ferrado.

Primeiro pastor: Lourenço, diz o verso grande

Segundo " : Nembro

Terceiro " : Pascoela, que é o do sacco.

Os proventos adquiridos nas casas visitadas; couriços, pão, diversas carnes dos enchidos do fumeiro, dinheiro etc., servem para após as Festas de Natal os componentes do grupo e o ensaiador, fazerem um alegre jantar de confraternisação, recordando algumas das peripecias do elemento do sacco, passadas nas casas visitadas.

A descrição do dito presépio foi me ditada com todo o carinho pelo filho da nôssa terra, José Carrilho Alfaia (vulgo Zé Galinha), com 71 anos de idade, analfabêto e que toda a vida foi pastor, residia no Largo do Monte-Filipe, No. 30 -Alpalhão, em 9 de Agosto de 1983.

Confesso que me deixou estupefacto, a facilidade como o contencioso Zé, não sabendo ler, me ditou de memória, esta extensa descrição do presépio de Alpalhão, e que em sua opinião, terá séculos de tradição.

Tomei esta iniciativa por achar pena, que esta linda tradição se perca.

Dedico-a aos filhos da nôssa querida - terra, com toda a amizade.

Faço desculpa se algum erro for encontrado, dado o primeiro ser analfabêto e eu, também pouco letrado.

ALPALHÃO

9-8-1983.

MEDITANDO.

(EXEMPLOS DA VIDA,)

I

Velho, solteiro ou viuvo
Não cases com mulher nóva
Poderás vir a ser cornudo
E a ir mais cedo para a cóva

II

Se vires cambaleiar um velhinho
Procura dar-lhe caridade
Pois só voltou a ser menino
Por que de Deus mereceu longevidade

III

Prócura ser sempre humano
Quando abeirado por um mendigo
Quantos levam vida de mundano
Por em caridade se terem excedido

IV

Ninguém está livre de perigo
Lógo que entra no mundo dos vivos
Tanto póde por Deus ser protegido
Como por desdita, cair no ról dos infelizes

V

A vida para ser primorósa
Não se compõe só de pergaminhos
Reparem que a mais linda rósa
É a que tem mais espinhos

VI

O que exponho são exemplos vivos
No que é pródiga a natureza
Peço-lhes que nunca fiquem esmorecidos
Com fé em Deus e coragem; a vida viverão em beleza...

F I M

Fevereiro de 1993

POLITICA

+++++

RARAS EXCEPÇÕES

Parecem-se alguns com o vendedor da banha da côbra
O rando alto, como na feira faz o feirante
L evem-nos Senhores e Senhoras o voto, sem demora
I nibi-los-emos da miséria para sempre...
T oda a sua propaganda se esvai como o vento
I ngloriamamente se sentem enganados
C om as falsas promessas repetidas em S. Bento
O H; como ficamos deveras revoltados...

P ropaganda politica é pior que fados
O bservai como na dita é falsa a letra
R eparem no desplante de alguns deputados
T oldando-nos o juizo com a sua treta
U m dia algum virá com sinceridade?
G rande alegria sentiriamos se acabasse a peta
U niversalmente o Povo, se sentiria abençoado
S alegrar-se-ia, com o fim dos chupetas
S entindo-se o póbre, menos explorado...

F I M .

1993

AS QUATRO ESTAÇÕES DO ANO

MEU-PARECER-PROFANO

Põe-nos plenamente florido o campo
Refletindo as mais matizadas cores
Indiscritível o trinar das aves, com seu canto
Movimentando-se alegremente sobre as flores
A casando-se, nos revelam seus amores
Vão seguidamente construindo o seu ninho
E tocando a sua tosca flauta alegremente os pastores
Repastando as ovelhas e seus meigos cordeirinhos
Ah! como é lindo o campo; com tantos esplendores...

Vão se secando as loiras espigas que nos dão o pão
E vem, nos o regalo de alguns frutos já criados
Recheando-se com eles, os celeiros de cereais não
A cumulando os frutos pelo homem cultivados
O Mundo seria bélo se não houvesse tanto vilão

Oh! como nos entristesse o cair da folha
Um desconsolo ver as arvores desfolhar
Tudo o que foi lindo nos desconsola
O outono é triste, e leva-nos a meditar
Nas fazes duras que a natureza nos propociona
O Criador do Mundo parece-nos errar...

Impossível se torna a alguns seres enfrentar
Nevões, calores, e chuvas torrenciais
Ventos ciclónicos, que tudo tentam dizimar
E m fúrias imprevistas, quase infernais
Roubando a vida a tantos viventes
No Mundo, existem agruras a mais
Oh! Deus-Poderoso; salva no futuro teus crentes...

P I M.

A N O de 1993

76

O-A D E U S - Á - V I D A

Muito grato estou ficando a DEUS
O hi como é belo,prolongar-me a vida
R ecordando saudosamente,extintos meus
R ecordando os bons e maus dias,da já vivida
E que bom será partir consciente para o Céu
R econhecendo que pequei;me perdoe DEUS

V vejo no Mundo,progressos maravilhosos
E exemplos tristes,de veemente agressividade
L embro a alguns vivos,que nada vale serem criminosos
H istórias horrorosas,está repleta a humanidade
O arrependimento a hora da morte;já vem tarde...

A Santa-Fé; peço piamente que abençoe a sociedade
D ando ao Mundo dos vindouros,harmonia plena
E só assim seria belo,viverem em confraternidade
U m planeta habitado por gente serena
S Ó DEUS omnipotente; eliminará a maldade...

F I M .

Abril de 1993

À MINHA NETA

Minha mui extremosa neta
A DEUS peço, que te de plena proteção
Revelando-te sábia, mas com modéstia
Indo com o teu saber, em auxílio do cidadão
Aliviando-o do analfabetismo que o infesta

A vida te sorrirá, se a usares corrêta
No dia a dia, usando de lisura
Aferindo na dita, luta benéfica

Conta todavia, com algumas agruras
A vida a todos os seres traz contratempos
Provocados por imperfeitas criaturas
É que neste Mundo, até alguns Santos
Levam pragas de alguns seres viventes
Ah! como te sentirás bem, auxiliando os errantes
Olvidar nunca; em ti fico crente ...

Mentalisa-te, que o dia a dia é inconstante
Até parece que se assemelha ao pensar
Rindo; chorando, cantando, passarás o tempo
Tenta diariamente, a vida bem desfrutar
Iseguir sempre o caminho do bem e não o errante
Não faltará quem contigo queira compartilhar
Se alguém te molestar, afasta-o do pensamento...

Longa vida, lar, família; honestidade e Paz
Cxalá não falhem os presságios do avô materno
Pois crente em DEUS; a vida em bem passarás
E tudo o que acima exponho, de ti espero
E aibas ser forte; nada de desânimo; se errares...

((Dia do teu primeiro aniversário))

11-11-93

O AVÔ

João de Barros
João de Barros

ALPALHÃO

ALTOALENTEJO

E A SUA DIVISA

O povo da Vila de Alpalhão
Tem uma divisa mi nóbre
Acarinha sem discriminação
O visitante rico ou póbre

II

Auxilia-o desde logo
Se algo lhe é solicitado
Da-lhe a esmóla se é póbre
E o rico, é bem informado

III

Jamais alguém foi escorraçado
Que o digam os que por lá vão
Salvo se algum for malcriado
Encontrará o seu senão

IV

Só, alguns filhos de Alpalhão
Se sentem menosprezados
Mas; lz dizem os povos por tradição
Que Santos da terra, não fazem milagres

F I M .

(Páscoa de 1993

A L P A L H Ã O

ALTO ALENTEJO

(Amor perdido)

A mais bela recordação

Que o meu coração encerra

Foi criada em tempos que já lá vão

Com puro amor, por uma filha da terra

II

Quando o Mundo estava em guerra

Para os açôres fui mobilizado

Confesso que ao partir da terra

Me sentia devêras apaixonado

III

Mais confesso, ter jurado

Com pureza e muito amor

Sentindo-me, eternamente penalizado

Por tão falsa jura, ao primeiro amor

IV

A vida estava em plena flor

Mas, como na roseira, surgiram espinhos

Hoje, jamais poderei repor

Por culpa minha, sonhos tão divinos

V

Neste Mundo dos perigrinos

Poucos terão uma vida sagrada

Se por sofrimento se elegem os Santinhos

Peço a dita, que a falha me seja perdoada....

F I M .

(1942 a 1993)

Jaquim Antunes

AMIRANDO O CÉU

Quando olho para o Céu
E o vejo muito limpinho
Mais me parece ser um véu
De pano azul marino

Quando olho para o Céu
E o vejo de nuvens carregado
Mais me parece um breu
Com o seu aspecto carregado

Quando olho para o Céu
E dele caem batedas de água
Até parece que entristeceu
E está jorrando as suas magoas

Quando olho para o Céu
E o vejo de estrelas mesclado
Alumiando-o do dito breu
Que durante a noite é formado

Quando olho para o Céu
E só vejo a escuridão
Com timbre de preto véu
Enternece-me a visão

Quando olho para o Céu
E contemplo o Firmamento
Fico grato a Divina-providência
Vasta terra e mar, nos deu ~~pano~~ sustento

F I M.

A O S P A I S

E a vós pais recomendo, sejam bons educadores
Dando aos vossos filhos o melhor ensino
Um dia vos sentireis compensadores
Com o bom exemplo do vosso filhinho
A Deus agradecendo, o puro fruto do vosso amor

F endência de excesso de facilidades
E xemplos de alguns abastados paizinhos
R ecreando-os com mimos exagerados
A os quais redundam, em maus destinos
S ó por que lhes esconderam, as puras realidades

B ons seriam, se fossem bem preparados
O brigando-os de meninos a respeitar o semelhante
N ão lhes tendo dado só facilidades
S abendo que como infantis, eram ignorantes

F ruto mais abundante entre os pais ricos
I ncutindo-lhes na mente serem uns barões
L evando-os a julgar, os outros uns famintos
H omens que modestamente educados, seriam bons
C excesso de riqueza por vezes trás conflitos
S anto -Deus; ajudai-os também a serem varões.

F I M .

M A I O de 1993

OFADO AVÍOLA E A GUITARRA

I

Quando oiço uma guitarra
Logo me vibra o coração
É tão nóbre a sua algazarra
Que me causa forte comoção

II

Como é belo ouvir um fadistão
Com a sua voz bizarra
Com a guitarra em vibração
Torna a seranata numa farra

III

Como é bela a seranata
Fela calada da noite
Põe em silêncio toda a malta
Se a voz é boa, fica louco

IV

Como o fado português não ha outro
Tão sonante como o o cantado em Portugal
Numa sala alumiada por um coto
Quem o escuta exclama; é sensacional...

F I M .

1993

PENSAMENTOS MEUS

Todos os dias perante DEUS
Eu agradeço viver a vida
Revendo a luz do dia com os olhos meus
Que é para mim, a mais grata dádiva...

DEVERES DIÁRIOS

Está na hora de me levantar
" " " de tomar o café
" " " de ir trabalhar
" " " de não perder a maré

" " " de algo produzir
" " " de ajudar o semelhante
" " " de voltar a dormir
" " " de sonhar serenamente

" " " da vida findar
" " " de deixar tudo
" " " de a todos perdoar
" " " dessa grande virtude!

" " " de deixar o Mundo
" " " de findar a ilusão
" " " de deixar cá tudo
" " " de imergir sob o chão...

F I M .

V

A tua saia lindamente bordada
Por tão habéis mãos da região
De lindas flores matizada
Que são um verdadeiro florão

VI

O ouro deixou de engalantar
Os salientes pomos das donzelas
Que tanto os fazia ralçar
Tornando-as deveras belas

VII

Nisa e as suas anexas freguesias
Primavam pelos seus trajos regionais
Estão-se perdendo as etnologias
Deixando a antiquada cultura findar...

VIII

Devíamos voltar a reavivar
Os costumes dos nossos antepassados
Fazendo a história perpetuar
Esses lindos hábitos tão populares

F I M .

1993

Que Futuro?

Serão muito tristes as sinas
Que pervejo para o n'osso POVO
Sem trabalho, encostado as esquinas
Oxalá a C E E, não passe de sério logro

II

Que futuro terá o homem novo
Atido a promessas, talvez falsantes
Deus queira que me engane e seja probe
Vivendo com desafego as novas gentes

III

Quando vejo no abandono as terras portuguesas
Lançando-as ao crescimento das ervas daninhas
Prevejo a fome, com fortes tristezas
Causadas por mentes de nações vizinhas

IV

A Divina-providência torne errada a previsão minha
Para que ao humilde povo desta tão nobre Nação
Tenha um futuro risonho e uma Paz-Divina
Eis todo o bem que puramente vos deseja, este irmão...

F I M.

Fevereiro de 1994

M ã E P Ó B R E

((M A S, N Ó B R E))

Quando uma paupérrima mãe
Se vê rodeada de muitos filhos
Não sabe o alto valor que tem
A riqueza dos seus carinhos

II

Ela e o marido sofrem sozinhos
A dolorosa falta de pão para lhes dar
E vê-los, vestidos apenas de trapinhos
Que alguns ricos deixaram de usar

III

Se Deus os quiz contemplar
Com família tão numerosa
Certamente sabia neles encontrar
O casal com espinhos e coração-rosa

IV

Rodeado de lá, chora, ri e goza
Apreciando contudo, tanta inocência alegre
Que de entre os espinhos se revela amorosa
Cuja florecência, a Graça de Deus a deve

V

Se forem casados, ricos, e filhos não tiveres
Não se sintam por isso menos virtuosos
Recorram a adoção de filhos de mulheres
Que abandonaram; corações amargurados.

((POR DEUS SEJAIS AGRACIADOS))

F. I. M.

MARÇO de 1994

HISTÓRIA DO PASSADO

No tempo d'ês descobrimentos
Arruinámos a indústria e a agricultura
Hoje, ligados aos países imponentes
Oxalá, não volteemos a cair na penúria

II

A vida é para o ser humano um fadário
Que no dia a dia suporta tudo:
Apesar de possuírmos tanto Santuário
Parece obscura, a virtude no Mundo.

III

O Mundo dizem, center de tudo
Incuindo menos bem e, muito mal
Oxalá Deus, com a sua poderosa virtude
Deia aos vindoirões um sossego universal

IV

Se vires um teu semelhante bem vestido
Não o julgues logo ser Sua-Alteza
Por que pôde ter comprado o tecido
Com o suor extraído á pobreza

V

Nem sempre um chapéu de cartela
Tapa um cérebro dotado de ciência
No meio daquela imokente tóla
Póde não existir sapiência

VI

A tão aparente opulência
Por vezes é só uma farsa
Para cravar o dotado de inocência
Que por vezes lança na desgraça

VII

Se és rico, auxilia o mendigo
Não o trates com escárnio
Por que enquanto fores servívivo
Estás sujeito a tal calvário

VIII

Se já em velho nos, custa aceitar a morte
Embora saibamos que nada é eterno
Quanto não terão sofrido os novos sem tal sorte
Que na flor da vida, sente o seu termo

IX

Que lucrou em vida o avarento
Que em nada protegeu o seu irmão
Terá a sua alma entrado no firmamento
Se, só os bons vão para o Céu, certamente não:..

F I X .

Fevereiro de 1994

DURAS REALIDADES

Ha tantas migalhas de pão
Que vão apodrecer na lixeira
Que salvariam tanto pobretão
Se ao abastado, Deus lhe desse moleira

II

Nô Mundo ha tanta asneira
E já com o Século XXI aproximado
E com tanto científico de craveira
Mais parece um Mundo desvairado

III

Muito alto é falsamente apregoad
Por seres que se julgam de alto saber
Por que na alta -rôda, vivem bem e anafados
Deixam os seus irmãos pátrios a fome morrer

IV

Se amigalhares algum oiro
Viverás com certo mede
Mas, se não possuíres algum tesouro
O teu fim será mais negro

V

Se te sentires seduzido por mulher feia
Não fujás para teu bém a, tal destino
Por que se o teu íntimo a aneia
Advinha nela um coração divino

VI

Ver lindas caras, não é ver corações
Está no dia a dia da vida confirmado
São muitas e duras as confirmações
De muitos que pelas lindas, caíram apaixonados

VII

Mas nunca digas, desta agua não beberei
Que te poderá ser fatal, tal engano
Quantes não se gloriaram do mal alheio
E até com águas sujas se saciaram...

VIII

A vida tem várias fazes
Entre a mocidade e a velhice
Se ao princípio é um Oásis
Pódes acabar na pedinçice

F I N.

- Janeiro de 1994

A MINHA CRENÇA

Não é preciso ir a igreja para chegar a DEUS
Basta usar o coração ajudando o seu semelhante
Pois entre fingidos católicos ha alguns ateus
Para alcançar a Garça de DEUS, basta ser crente

II

Acreditar no seu poder omnipotente
Auxiliando os pobres,perdoando aos plebeus
Creio serem provas mais que suficientes
Aliviando as agruras da vida,repousarás no CEU

III

Aqui exponho o parecer leigo que é o meu
Expressando o cerne do meu pensamento
Pedindo perdão se erro,o pecado é meu
Até por que o infalível ainda não nasceu.

IV

Onde está o verdadeiro cristianismo do Ocidente?
Se nos revela por vezes a guerra
Se ha pureza no tão apregoado fundamento
Porquê razão ali,a Paz também não prolifera ?

- F I M

1-10-1994

Exemplos da Vida

Muito mal se sente um pai
Que se revela frágil perante o filho
E se a boa intenção se esvai
É para o dito um eterno sarilho

II

É preciso um pai ser seguro
Perante o Ser em formação
Dado que ele ve o futuro
Como uma rosa em botão

III

Ao ser homem, sofrerá a desilusão
Das reais agruras da vida
Se não aproveitou a lição
Da experiência do pai vivida

IV

Talvez por a sua mãe querida
Se ter excedido em carinho
Dando-lhe sem conta nem medida
Intencionalmente prejudicando o filhinho

F I M

Outubro I 994

HOMENAGEM AOS NÓSSOS ANTEPASSADOS

É sem duvida a lingua portuguesa
Uma das mais faladas em todo Mundo
Deve-o a muita alma portuguesa
Que para honrar a Pátria, lutou tudo
II
Descobriu grande parte do Mundo
Enfrentando mares tenebrosos
Onde muitas vidas foram ao fundo
Em barcos, quase cascas de nozes
III
Em batalhas fomos ferózes
Enfrentando de caras os perigos
Vencendo na guerra grupo mais numerosos
Os portugueses ainda hoje são destemidos
IV
Muitos monumentos foram erguidos
Testemunhando os bravos heróis de Portugal
Descobrimos países até aí desconhecidos
Enchendo de história, o Mundo-Universal
V
Honrado e mui nóbre Povo-Nacional
Igual sobre a terra não existe
Hospedeiro e crente-divinal
Ostentando bem alto a Cruz de Cristo.

F I M

Novembro de 1994.

Não A Discriminação De Raças

Não menosprezes o Ser de Cor
Desapoiá os Seres racistas
Dado que o meu sangue tem a mesma cor
E entre eles ha muitos humanistas

II

Se entre os ditos ha poucos cientistas
Devem-no a falta de instrução
Por que alguns sábios os querem analfabetistas
Mantendo grande numero em escravidão

III

Até no Ser Branco existe a a exploração
Facto que é debradar aos céus
Que as sábias raças usem o coração
Inespeço Piedosamente em nome de Deus...

IV

Não quereis ser plebeus
Uní pobres e ricos de todas as raças
Repartindo melhor o Pão de Deus
Obtereis deste, as Divinas-Gráças

V

Espero que não olvidemos as desgraças
Que neste Mundo é tão próspera
Unindo as tão variegadas raças
Todos têm lindos dias de primavera.

F I M.

Mulher, joia abençoada
Que nos envolve o coração
É a tentação mais desejada
Por todo o ser que é varão

II

Saudade aumenta dissabores
Dum passado alegre, hoje triste
Pois de todos aqueles amores
Quase só na memória ainda existe

III

Quem muito ama não caçpa
E não faz por maldade
Perante tanta moça boa
É próprio da mocidade

IV

Se a borboleta tem liberdade
De beijar tantas flores
Não me parece ser vaidade
Um moço beijar tantos amores

V

Na velhice vêm os dissabores
Se a mocidade não foi vivida
Solteirão que não teve amores
Leva do Mundo a alma entrestecida

VI

Muitas promessas de amor
São feitas sem ter maldade
Embora causem muita dor
A quem as aceitou como verdade

VII

Também me sinto penalizado
Por uma falsa jurade amor
Embora outras tenha afirmado
Apenas uma me eternizará a dor

VIII

De Norte ao Sul de Portugal
Temos muito para admirar
Usufruindo dum Sol-celestial
E das lindas noites de luar.

IX

Temos extensas praias para nos refrescar
Paisagens naturais maravilhosas
Mar imenso onde nos recrear
Neste país de gentes humildes e amorosas.

Fim .

A O S P A Z E N D E I R O S

Foram vocês que nos consolaram
A s praças enchendo de hortaliças e frutos
Z elando, fartamente nos alimentavam
E mbara fessas, tingos os vossos lucros
Nunca deixando de desbravar as terras
D oando-vos esta em troca produtos da natureza
E squecendo os andares da vida paupérrima
I nspirados que desta viesse mais riqueza
E ecompensando uma velhice mais tranquila
O bem compensativo da tua árdua destreza
S ofrendo deixa-nos rastos de obra Divina

A o ombro levavas a pesada enxada
L abutando com ela do nascer ao ao Sol por
P elos campos as terras desbravavas
A lmoçando pão de centeio, azeitonas que na córna levavas
L a voltavas ao lar, ceando para as forças repor
E oje o trabalhador rural tem uma vida menos explorada
A ãinda que mal pago o seu tão árduo suor
O xalá o futuro seja para os seguidores muito melhor.

F I M .

SÉSTA E NOITES CAMPANIAS

No tempo que a sesta dormia
A beira das ribeiras das herdades
Era bela a harmónica chilrearía
Entoada pelas variadíssimas aves

II

No tempo em que e de noite dormia
Nos campos da minha terra
Só os noitibós e mochos ouvia
Acordar assim; que bom que era...

III

No inverno a noite tão assustadora era
Ouvindo a coruja cantando na ve'ha terra
Que tão arrepiante o seu pio era
Deixando-me hirto e desconforme

IV

O abibe eleva alto o seu coro
Logo que alguém se aproxima
Julgando ser o temível caçador
Que os seus bandos sem dó dizima

V

Ben alto voa a ave de rapina
Vigiando as aves e animais sobre a terra
Que sobre eles num ápice se atira
E nas suas fortes garras a presa ferma.

VI

Ferocidade que a natureza encerra
E a qual o ser humano é semelhante
Revelando-se o super fêra
Á beira do século XX tão tristemente

VII

Que Deus elimine do Firmamento
A tão nefasta crueldade
Do poder-divino espero plenamente
Que inspire no homem o dom da bondade.

F I M ,

P elo Mundo viaja constantemente
 R epudiando a desumanidade fatal
 E xemplo assustador de todo o vivente
 S ofrendo os horrores da guerra universal
 I nquietado com tão alastrado mal
 D eclama para que o seu semelhante seja humano
 E sperançado que os donos do poder usem moral
 N ão deixem que se entre no profano
 T em a igreja que usar mais o seu poder-divinal
 C o Poderoso gastar menos, em prol do seu mano

 D iminuindo a opulência tão usual
 A terra baixaria consciente em pleno

 R evelando-se Portugal um país pobre
 E xagera-se dizem nas ~~superfúlas~~ despesas
 P odendo poupar mais seria mais nobre
 U sando essa poupança em prol da pobreza
 B em e muito aventurado ficaria Sua-Alteza
 L ivrando alguns seres duma vida tão desigual
 I dar-nos ia um Pio exemplo de alta nobreza
 C riando perante o seu semelhante alta moral
 A qui deixo o meu perdão; se o que expus está mal , , , .

N A T A L de 1995

ALPALHO E ARREDORES

CANTIGAS POPULARES

As raparigas de ALPALHO
São algumas não são todas
Usam meias grossas de lã
Para fazerem as pernas gordas

I

As raparigas de ALAGOA
Usam a saia curtinha
Pelo menos as que se julgam boas
Para mostrarem mais a perninha

II

As raparigas de NISA
Usam a saia bem bordada
Para as tornarem parecidas
Com as flores das bilhas pedradas

III

As raparigas de Val do PESSO
Procuram trajar á moda
Para mostrarem sem pejo
Serem mais bonitas que as de TOLOSA

IV

As raparigas de GÁFETE
Usam saia e avental
Não querem cometer a gáfe
De perdarem o traje tradicional.

V

As raparigas de POLÇA
Vestem o modelo mais belo
Andando sempre na moda
Fazendo inveja as COCASTELO.

F I M.

1998

A O S E M I G R A N T E S

Chegadas as festas de verão
Ei-los em força chegar
Aliviando de saudades o coração
Do seu primitivo e saudoso lar

II

Carinhosamente voltam a abraçar
Seus pais, familiares e amigos
Voltando a confraternizar
Recordando os tempos antigos

III

Por todos são bem recebidos
E com toda a fraternidade
Vêm-se diariamente envolvidos
Nos faustos abraços com amizade

IV

Só quem emigra é quem sabe
O que por vezes tem de sofrer
Suportando trabalho árduo

Que os naturais se recusam fazer

V

Na esperança de um dia viver e ter
Uma velhice mais compensada
Repousando na terra que lhes deu o ser
E na sua Pátria sempre arde...

F I M .

(Verão de 1977)

Á G U A

... ..

Gostava de ser a água
Que está na fonte a correr
Para beijar os teus lábios
Quando la fosses beber
II
Gostava de ser o mar
Para te poder receber
Quando la fosses nadar
Sentiria o maior prazer
III
Gostava de ser o rio
Para te poder refrescar
Sentiria grande calafrio
Com o teu corpo a boiar
IV
Gostava de ser a chuva
Para o teu rosto salpicar
E assim não tinha duvida
Que te conseguiria beijar
V
Gostava de ser a agua da banheira
E receber-te em plena nudez
Seria a sensação mais verdadeira
Que já senti alguma vez.

F I M .

De cabeça tronco e membros
Se compõe o corpo humano
Além desta outras partes temos
Com diferenças e tamanho

II

Cada qual tem os seus ideais
Uns bons outros tenebrócos
Para alguns os destinos são fatais
E para outros são milagrosos

III

Ha que perdoar aos faltosos
Ser católico e não ateu
Dando próvas de carinhosos
Bon exemplo que Deus nos deu

IV

Foge de ser em vida um plebeu
O mal não te trará o menor proveito
Trata-o como se fosse amigo teu
Ten pena do seu cruel defeito

V

O que vos narrei não é um pranto
Mas apenas o meu desabafo natural
O que não obsta no entretanto
Que o teu pensamento seja igual.

F I L .

1995

ACS PADRES CATÓLICOS

P or DEUS consintam o celibato
A o Senhor Padre e a igreja Cristã
D ando-lhe um lar ficaria grato
R eservando-lhe uma vida menos afa
E le seria perante o semelhante mais sensato

D eixaria de ser pecado a sua fecundidade
E xibindo as suas necessidades sexológicas
V iveria com sua mulher e filhos em honestidade
I mpondo aos seus irmãos iguais propósitos
A sua devoção teria mais credibilidade

C omo ser humano deve ter igual liberdade
A uf erindo-lhe igual direito de todo o lado
S eria mais credível perante a sociedade
A o deixar a vida, partiria mais realizado
Q ueso para que acabe tal impacto, havendo universalidade.

F I M

++++++
+
+

1995

Muitas cartas de predominante amor
À minha primeira amada escrevi
Ainda hoje sinto a falta de perdão
De tanto que nelas lhe menti

II

Impensadamente julgo que a feri
Com a mudança de pensamento
Por estar tão longe perdi
O amor por ela, levemente

III

Não mais me saiu do pensamento
O ter sido com ela tão infiel
Perante aquela que jurei, e amei tanto
Cuja falha ainda hoje me é cruel

IV

Nem tudo na vida é plenamente belo
Ainda perdura em mim a dita leviandade
Sentindo essa amargura no fel
Que é o peso, de a ter erradamente magoado

V

O destino de cada um vem traçado
Dizem na palma da nossa mão
Sinto que o meu me saiu errado
Pelo que, á em mente referida, peço perdão.

Fim.

MCMXCV

F A S E S D A V I D A

*****I*** *****

I

Ávido pelo prazer das fases da vida
Achava o seu percurso muito lento
Agóra que ela está quase vivida
Parece-me mais veloz que o vento

II

Nesta abóboda do Firmamento
Percorrendo um caminho quase imaculado
Acaba-se muito precocemente
Se a viveu Bem-Aventurado

III

Os percursos da vida são desfrutados
Com alegria e sofrimentos
Uns são por DEUS-Abençoados
Para outros são cheios de sofrimentos

IV

Sabe-se que os corpos são formados
Por óssos, carne, sangue, açúcar e fel
Que bem ou mal alimentados
A vida é provisória; a morte é cruel!

V

Uns levam funeralá maquiavélico
Pela má Fé que revelaram em vida
Outros são exequiados com Fé de bélico
Os corpos finam-se; só a alma é infinita!

F I M .

+++
+

1997

CHAPEU DE CARTOLA

***** + + + *****

EM

IGNORANTE CACHOLA

***** *****

I

Há quem ponha sobre a cabeça
O seu chapéu tipo cartola
Para parecer . . . a quem o não senhega
Que tapa uma científica tóla

II

Por vezes é um pachóla
Que no cérebro só tem vaidade
Por que o sábio com alta escola
Traja simples sem ostentar falsidade

III

Ainda hoje se compõe a sociedade
Neste Mundo com muita ilusão
Alguém fingindo o que não sabe
Caindo no signo de charlatão

IV

É por norma mui simples o sabichão
Guardando no seu intimo a sua sapiência
Que nem sequer se ri do parvalhão
Por ter pena sa sua paupérrima ignorância

F I M .

1997

ALPALHÃO

ALTO ----- ALENTEJO

AO POVO DA NOSSA TERRA- MÃE

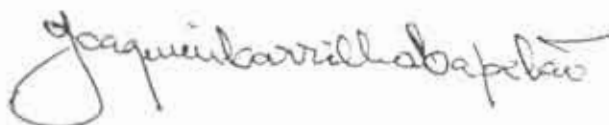
BREVE RESENHA

Referências hitóricas,datas dos seus monumentos,Igrejas, Capélas,
Torre do Relógio, (antigo castelo),Pelourinhos,Fontes,etc.

Anexo também alguns versos da minha mui modesta autoria e outros
referenciando vélhos e tradicionais costumes do seu actual e
extinto Povo,e, ainda alguns extras que julguei uteis.

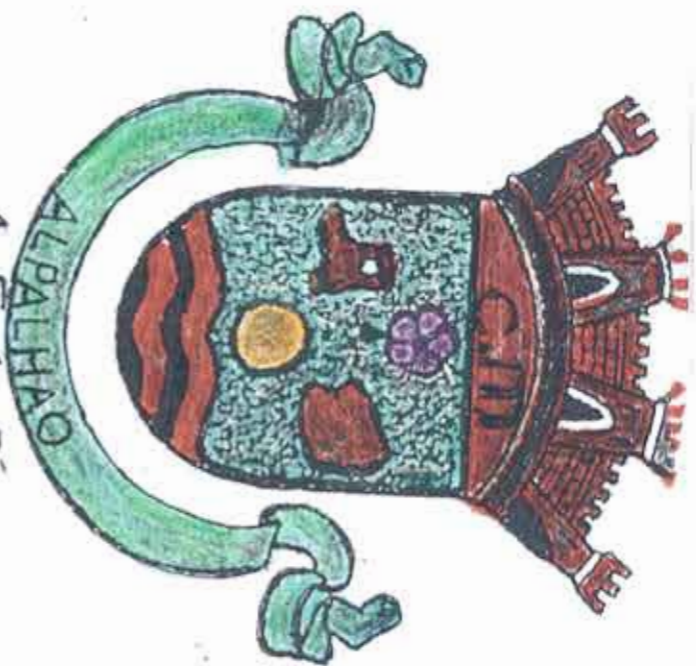
Subscreve-se humildemente,

O Autor

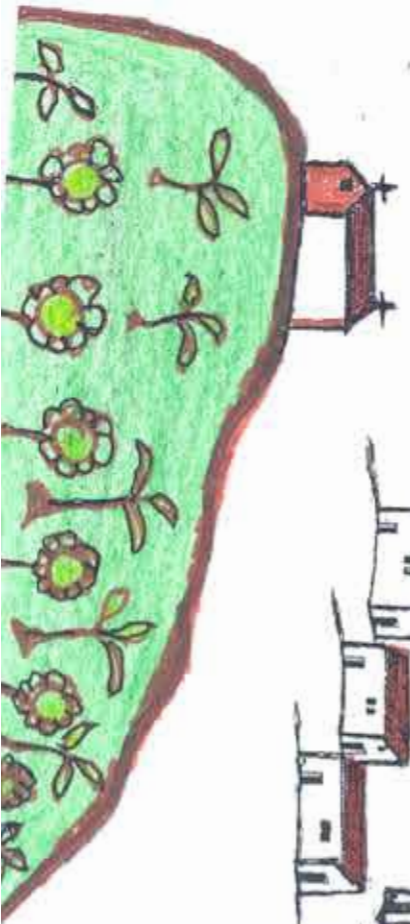
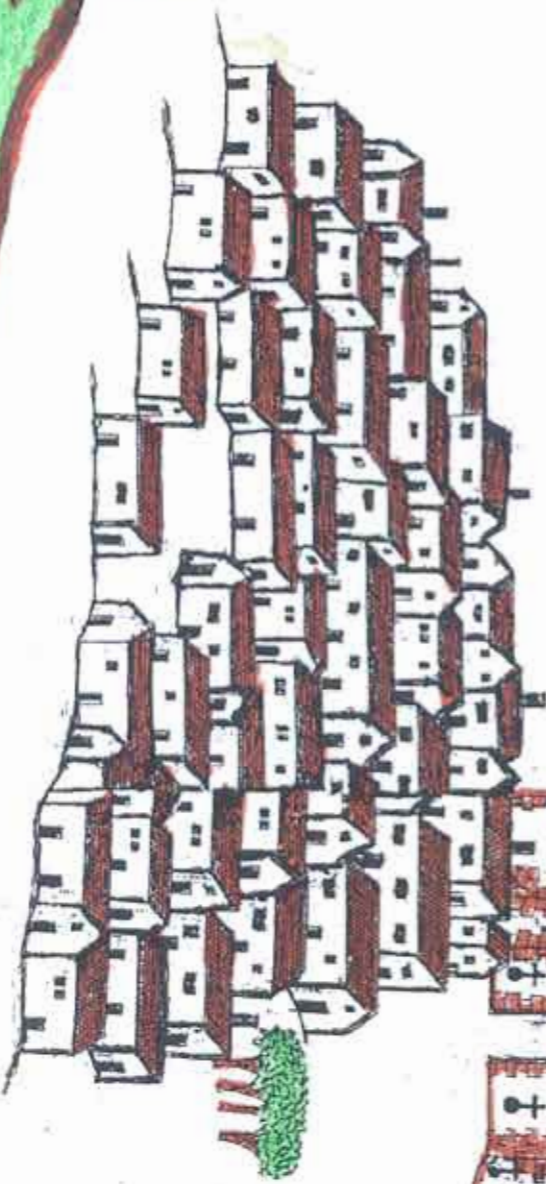


ANO de: 1998

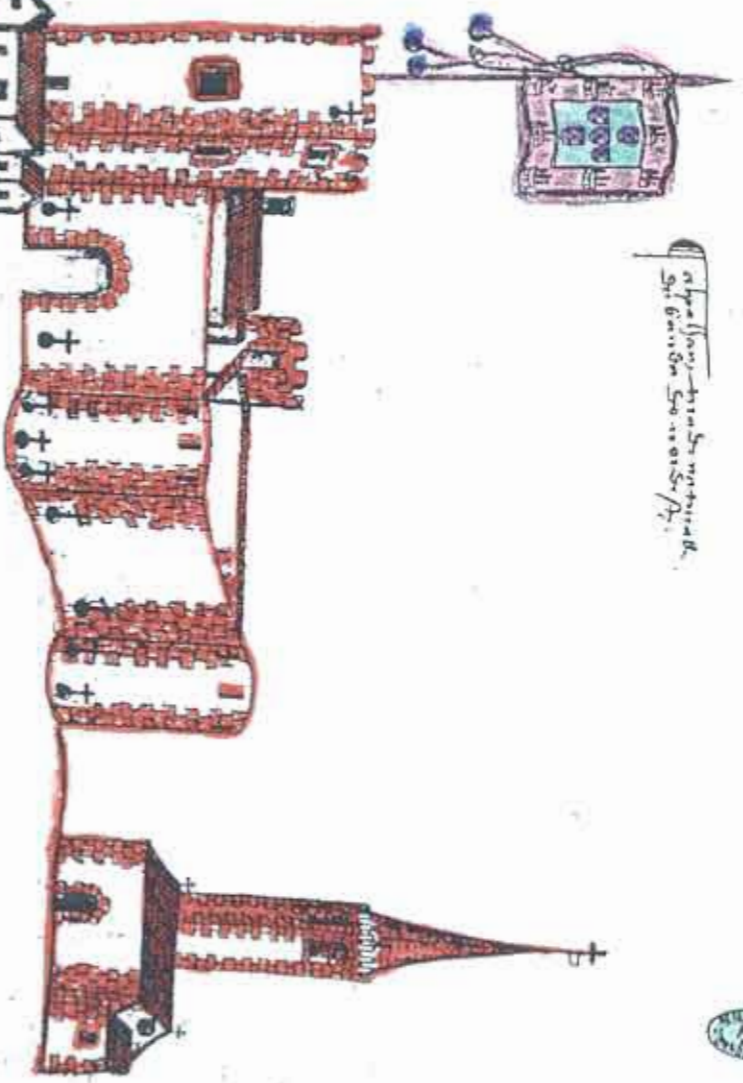
DEDICADO À BIBLIOTÉCA DA CÂMARA MUNICIPAL
DE
NISA.



1.512



Alpalhao - Vila de Alpalhao
S.º Gonçalo S.º Vicente P.º



REI D. DINIZ

1279A1325